Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 17
1º de agosto de 2009

[**versão provisória**]
Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa tarde a todos. Sejam bem-vindos!

Antes de tudo, eu quero avisar o seguinte: será publicado nos próximos dias, ou talvez ainda hoje, no *site* do Seminário de Filosofia, um vídeo chamado *A Imaginação e a Unidade do Real*. Este vídeo é fundamental para os alunos deste curso. Por favor, assistam-no antes da próxima aula — o ideal teria sido assistir antes desta aula — mas, para os fins desta, eu posso dar um resuminho que evidentemente não substituirá o próprio vídeo. Também quero pedir, encarecidamente, que ninguém coloque o material do Seminário (deste curso) à disposição de outras pessoas — não coloquem isto na *internet*, por favor. Isso é absolutamente fundamental, porque eu não creio que estas gravações possam realmente funcionar e dar às pessoas todo o benefício que elas buscam, caso sejam ouvidas separadamente, fora do plano deste curso e sem vocês estarem constantemente submetidos à minha revisão e sob minha orientação pessoal. Fragmentos destas aulas espalhados por aí podem até criar mais confusão.

Sabemos que no Brasil as pessoas não precisam de muito material para criar uma opinião: o sujeito lê jornal e lê um livro por ano, e com isso se julga habilitado a criar opiniões sobre todas as coisas. O nível de informação requerido no Brasil para se chegar a uma conclusão é infinitamente menor do que em qualquer outra parte do universo. Eu conheço pessoas que leram dois artigos meus e já têm uma interpretação total, uma conclusão final sobre a minha obra, minha pessoa, meu pensamento etc. — é um negócio absolutamente fantástico —, mas eu não desejaria incentivar esse hábito. Os fragmentos deste curso, do Seminário, que são disponibilizados para outras pessoas, só criam confusão. Ademais, com isso, vocês prejudicam a si mesmos porque são membros do Seminário, são alunos deste curso e este material é para vocês — quem quiser acessar, que cumpra as condições e assine o compromisso de permanecer até o fim. Se vocês, para freqüentar estas aulas, tiveram de assinar um compromisso para permanecer até o fim por cinco anos, por que um outro que não tem compromisso algum e que não tem obrigação alguma vai ter acesso ao mesmo material? Isso não tem sentido e assim vocês só se prejudicam.

O que eu gostaria de tomar como assunto desta aula ainda é o tema da alta cultura, de sua função social e de sua função como elemento estruturador da personalidade. Vamos partir de uma frase do Louis Lavelle que, inclusive, acredito que já li aqui uma vez, mas hoje nós vamos estudá-la por outro aspecto:

> “Todo problema das relações entre os seres humanos consiste em saber passar de um estado de simpatia ou antipatia naturais, que reinam entre os caracteres, àquele estado de mediação mútua que permite a cada um deles realizar, por intermédio de um outro, de um indiferente, de um amigo ou de um inimigo, sua própria vocação espiritual.”

Ou seja: o ser humano tem certas possibilidades que o diferenciam maximamente de todas as demais espécies animais. Estas possibilidades, evidentemente, não aparecem quando examinadas desde o ponto de vista de qualquer ciência em particular — elas aparecem no conjunto da experiência humana. Por exemplo: o pessoal da genética afirma que a diferença entre um homem e um macaco é de apenas 3%. Isso mostra tão-somente que a ciência da genética não está habilitada a captar a diferença entre o homem e o macaco. E dizer que entre a inteligência do macaco e a Catedral de Chartres ou a música de Bach, a diferença é de apenas 3%, é realmente otimismo demais em favor do macaco. Isso significa que, se o macaco tivesse apenas 3% a mais, ele conseguiria fazer todas estas coisas. Então, não se trata de uma mera diferença, não é algo que se deva perguntar a qualquer ciência; nenhuma ciência está habilitada a captar isso porque há uma diferença global que aparece somente na experiência real, na experiência concreta humana; não é uma diferença que pode ser separada e medida pelos critérios de uma ciência particular — isso seria inteiramente absurdo.

Se nós pudéssemos captar a diferença do homem e do animal através da ciência genética, então esta diferença seria exclusivamente genética, e assim por diante — e poderia ser até uma diferença irrelevante. Eis o caso em que cada ciência em particular não consegue apreender algo que a experiência comum corrente apreende da maneira mais simples e mais fácil; o que é uma demonstração muito clara de algo em que eu insisto: nenhuma ciência tem autoridade para criticar a experiência comum ou para pretender superá-la, de forma alguma. Toda ciência é um recorte específico feito em função de certas perguntas específicas. O que é uma hipótese científica? É uma conjectura de que certo grupo de fenômenos funciona de acordo com uma determinada constante; em seguida, os fenômenos escolhidos para observação são aqueles que respondem a esta determinada constante. É claro que todo empreendimento científico é eminentemente tautológico, redundante. E só funciona porque é redundante. E se a redundância falhar é porque as observações foram mal feitas, mas em princípio elas são feitas para dar certo. Toda teoria científica consiste em dizer que os fenômenos escolhidos para provar determinada hipótese provam esta hipótese; e os fenômenos, por sua vez, foram selecionados de acordo com a mesma hipótese. É algo, na verdade, muito fácil de fazer; e só se complica pela heterogeneidade dos materiais com que as várias ciências lidam, mas o processo em si mesmo é muito simples. Esta extrema simplicidade do processo científico é que me leva, inclusive, a negar que a educação científica tenha alguma função na alta cultura: ela não

tem função nenhuma. O que tem função é o aprendizado dos métodos científicos, da teoria da ciência etc., mas isto precisamente não faz parte de nenhuma ciência. Mas um conhecimento aprofundado de geologia, de biologia etc., não tem alta função educacional; tem uma função social, devido à utilidade que estes estudos têm para a tecnologia, para a sociedade em geral etc. Mas do ponto de vista da educação é absolutamente ridículo acreditar que uma educação científica seja uma educação; ela não é de forma alguma porque o procedimento científico é simples e é indefinidamente repetido; e não há muito o que aprender com este, tanto que o ideal das próprias ciências é que seu processo inteiro possa ser feito até por computador — desde a formulação das hipóteses até as provas finais, que um computador possa fazer. Isso seria a perfeição de uma ciência; esta, quando chega ao supra-sumo de sua perfeição, não precisa mais da inteligência humana porque já está totalmente automatizada e simplificada. Basta isso para você entender que ciência não é educação de maneira alguma; ciência não desenvolve a inteligência de ninguém, ao contrário, para fazer ciência você precisa de inteligência, mas a ciência por si mesma **[10:00]** não desenvolve a inteligência humana de forma alguma.

Uma das características que chamam a atenção na história das ciências é o pressuposto que hoje é aceito em praticamente todo o universo científico de que as ciências devem sempre buscar explicações naturais, jamais recorrendo ao sobrenatural; este pressuposto não surge das próprias ciências, mas de pressupostos teológicos, de uma longa discussão teológica que criou este preconceito e, na verdade, esta absurdidade de que o natural é um domínio fechado, auto-explicativo. Esta hipótese depende inteiramente da premissa de que existem leis naturais constantes e inabaláveis; e até hoje praticamente não foi descoberta nenhuma lei constante inabalável. Que eu saiba, a única lei constante e inabalável que existe é a segunda lei da termodinâmica (que é o negócio da entropia) — esta funciona universalmente. Mas, justamente a entropia, se funciona, mostra que nada na natureza é estável; tudo está sempre baixando de diferença quantitativa e qualitativa, há uma tendência geral ao nivelamento, à abolição das diferenças. A segunda lei da termodinâmica, justamente por ser estável, mostra que nada há de tão estável na natureza que possa ser objeto de leis eternas — não há leis eternas na natureza. Existem leis bastante duráveis, leis que se observam durante um período enormemente longo, mas não se pode dizer que são eternas e imutáveis. Acreditava-se que as leis da gravitação universal de Newton eram universais; mais tarde se mostrou que não eram. A relatividade quando diz que nada pode ser mais veloz do que a luz, nós vamos dizer que isso é uma lei eterna? Bom, dentro do próprio campo de discussão da relatividade existe a famosa dúvida de que o efeito da gravitação tem de ser simultâneo, então tem de ser mais rápido que a luz; logo, em todo o debate sobre relatividade sempre surge a pergunta irrespondível: qual é a velocidade da gravitação? Ninguém sabe. Então, como poderíamos dizer que a velocidade da luz é uma constante? Einstein colocava a velocidade da luz como a única constante em função da qual todas as outras têm de ser medidas. Como é que nós podemos aceitar essa constância da velocidade da luz como uma lei eterna, universal e imutável? Praticamente não há leis eternas e imutáveis na natureza; mas, quando Newton descobre a gravitação, aquilo impressiona as pessoas de tal

modo que elas acreditam que Newton havia descoberto as leis eternas e imutáveis da natureza. Então a natureza, se é regida por leis imutáveis, é um todo fechado que funciona por si, sem necessidade de nenhum elemento externo. Assim, surge entre os teólogos a seguinte discussão: se Deus construiu esta máquina tão perfeita e depois interferiu nela, acabou por desmoralizar-se a Si mesmo. E com isso Deus estaria reconhecendo que sua obra não é perfeita. Foi justamente essa discussão que, entre os teólogos protestantes e anglicanos, acabou se fechando na conclusão de que a natureza deve ser estudada em si mesma, fora de qualquer referência a Deus e ao sobrenatural. É evidentemente uma premissa que não se sustenta absolutamente porque: 1) você não sabe quais são os limites do natural; 2) ela se baseia inteiramente na hipótese de que as leis naturais são eternas e imutáveis. Na verdade, se você propusesse esta questão para um filósofo escolástico de quatrocentos anos antes, ele explicaria o seguinte: não há nenhum jeito de compreender as relações entre a natureza e Deus comparando estas duas dimensões diretamente, porque há uma série de mediações; a estrutura da realidade segundo a idéia cristã é enormemente mais complexa e vai desde o inferno até Deus; então teria de situar a natureza dentro desta escala enormemente complexa, onde o lugar dela é definido pelas suas contíguas; existe uma infranatureza e existe uma preternatureza, fenômenos que são laterais à natureza, ou seja: fenômenos de ordem demoníaca, por exemplo, a possessão, a obsessão etc. são chamados preternaturais — não são nem fenômenos naturais nem sobrenaturais, são fenômenos estranhos à natureza. Acima disso estariam todas as hierarquias angélicas até chegar a Deus. As relações entre natureza e Deus são extremamente complexas e mediadas por toda a estrutura do mundo espiritual. Quando acontece a reforma protestante, um dos seus efeitos imediatos é a queda do nível da especulação teológica até o nível pueril. Estas discussões, por exemplo, para saber se Deus não se desmoralizaria a Si mesmo se interferisse na natureza — é uma maneira pueril de colocar a questão, porque está partindo da crença em leis naturais imutáveis e eternas. Ora, se as leis naturais são eternas, então a natureza é eterna e, portanto, não pode haver sequer um Juízo Final. Logo, este universo tal como existe presentemente é concebido como eterno; mas aí você entrou numa contradição tão boboca, você entrou numa contradição com a própria Criação. Newton, pelo menos, teve a prudência de observar que as leis da natureza funcionam a partir da Criação, mas elas não podem explicar a Criação — pelo menos essa prudência ele teve. Mas a maioria das pessoas que discutiam este problema entre o século XVII e o XIX, sobretudo no meio anglo-saxônico, não percebiam isso de jeito nenhum.

Então colocavam as questões de maneira artificial, barbaramente simplificada e pueril, porque tinham perdido a alta cultura escolástica. Schelling disse que na passagem da escolástica para a modernidade houve uma puerilização da filosofia (tem toda a razão) — eles tinham perdido a noção da sutileza e complexidade das questões, e toda aquela técnica analítica enormemente sofisticada dos escolásticos foi perdida e então começaram a colocar as questões como as crianças colocam, começaram a fazer perguntas de criança. É uma ilusão pensar que as crianças são muito sábias nesse aspecto; todas cometem os mesmos erros em seqüência até chegar à idade madura, e estes

erros são praticamente padronizados. Um destes erros consiste em tentar analisar Deus como se Ele fosse um ser humano. Por exemplo: se Deus fizesse isso ou aquilo se desmoralizaria a Si mesmo ou não? Desmoralizar-se é algo que só pode acontecer a seres humanos dentro da sociedade humana. Deus não tem, em primeiro lugar, perante quem ser desmoralizado. Como é que se vai colocar essa expressão? Desmoralizar supõe uma sociedade que julga. Então, para Deus desmoralizar-se seria necessário haver uma coleção de deuses semelhantes a Ele que O julgassem — e isso não existe —, então não dá para colocar a questão desta maneira. E foi de erros deste tipo que surgiu a idéia do naturalismo, segundo a qual existem explicações naturais.

Na verdade, não há explicações naturais **[20:00]** — a idéia de explicação natural é uma coisa inteiramente boboca. Uma explicação só é uma explicação quando ela, embora partindo do estudo de um fenômeno em particular, se encaixa em uma concepção metafísica que vai dar a justificação do todo no qual aquilo se encaixa, de outro modo não é propriamente uma explicação, mas apenas um arranjo provisório.

Por exemplo, quando as pessoas dizem: “Nós temos de nos ater às explicações racionais”, elas não sabem o que é razão. O raciocínio lógico é chamado de racional porque ele tem a propriedade da não-contradição, não se desmente a si mesmo. Raciocínio lógico significa unidade do discurso; quando você chega à frase número 52, você não desmentiu a frase número 1. Ora, pergunto eu: como nós poderíamos ter a noção e a percepção da unidade do discurso, se não tivéssemos dentro de nós a percepção de unidade e totalidade em geral? É por termos uma antevisão, um conhecimento da unidade do real que nós somos capazes de raciocínio lógico; então, raciocínio lógico é uma expressão particular de nossa capacidade de perceber a unidade do real. Isso está mais explicado no vídeo que indiquei: *A Imaginação e a Unidade do Real*. Por favor, ouçam isso o quanto antes. A unidade do real é a condição sem a qual não existe nenhum conhecimento e nenhuma possibilidade de ação humana, nenhuma ação racional, nenhum planejamento. Se não existe uma realidade, mas existem realidades totalmente separadas e independentes, se existem abismos ontológicos separando várias partes da realidade, então eu não posso sequer completar uma frase porque eu não tenho certeza de se quando eu chegar ao fim da frase eu ainda estarei me referindo à mesma realidade; ou seja, no salto entre os mundos houve um corte. Então, essa admissão natural e imediata da unidade da realidade está presente em todos os seres humanos, eles têm isso quase instintivamente. E é porque têm isso que são capazes de raciocínio lógico. Acontece o seguinte: se o discurso lógico é uma função derivada da unidade do real, é possível que um discurso lógico inteiramente coerente desminta no seu conteúdo a unidade do real. Você usa seu pressentimento da unidade do real para construir um raciocínio lógico. E como você tem esta capacidade de perceber unidade, totalidade, coerência, então você é capaz de fazer um raciocínio lógico; mas acontece que no conteúdo o raciocínio lógico pode ter implicações que desmintam a unidade do real. Aliás, isso acontece com uma freqüência extraordinária. Vamos considerar uma frase de Michel de Montaigne: “Nós não temos nenhum acesso ao Ser.” Ele pode criar um discurso lógico para demonstrar isso. Este discurso lógico será coerente em si mesmo, mas pergunto eu: em que universo está colocado este discurso? Em que universo Michel de Montaigne disse isso? Ele imagina que

disse isso em um universo separado que é sua própria mente. Ele está dizendo: a minha mente tem uma totalidade, uma unidade, e dentro dela eu chego a uma conclusão de que não tenho acesso ao Ser. Portanto, este discurso se desenrola em um mundo separado que não é o mundo do Ser. Mas se é assim, como é que conseguimos ler este discurso? Se você não tem acesso ao Ser, como é que eu tenho acesso ao seu texto? O fato de que eu, transcorridos quatro séculos da morte de Michel de Montaigne, possa ir a uma livraria comprar uma edição do livro dele, isso se desenrola no mundo mental de Michel de Montaigne? Não é possível. Então, o conteúdo da afirmação “nós não temos acesso ao Ser”, desmente a unidade do real porque está pressupondo um mundo mental separado. O fato de que nós consigamos criar um discurso e prestar atenção somente nele, fazendo abstração de tudo o mais, é algo que evidentemente nos engana, pois não é por você prestar atenção só em uma coisa que todas as outras desaparecem. Por exemplo: para que Michel de Montaigne tivesse dito isto foi preciso que ele tivesse nascido algum dia, e para isso papai e mamãe Montaigne tiveram de praticar certos atos libidinosos que não fazem parte de maneira alguma do mundo mental de Michel de Montaigne, o qual naquele momento ainda não existia. Se eu sei que nasci, como posso dizer que não tenho nenhum acesso ao Ser? Se minha própria existência física não é um elemento do meu mundo mental, mas é, ao contrário, um pressuposto externo do meu mundo mental — externo e anterior. Nós conseguimos fazer discursos lógicos porque temos o senso da unidade do real, mas ao mesmo tempo, no conteúdo do discurso que criamos, podemos consciente ou inconscientemente, voluntária ou involuntariamente, negar a unidade do real. Assim, nós nos colocamos dentro de um mundo fictício de discurso que imaginamos estar separado da unidade do real, mas que de fato não está. Este é o princípio de todos os enganos em filosofia. A capacidade de raciocínio lógico encanta de tal modo seu possuidor, que este acredita mais no conteúdo do raciocínio lógico que ele mesmo criou do que nas condições existenciais, reais, efetivas que permitiram que ele criasse este discurso. Exatamente como o sujeito que serra o galho no qual está sentado. Isso acontece em filosofia com uma constância incrível. Por exemplo, René Descartes acreditava no seguinte: “Eu sei que Deus criou o mundo, mas se eu supuser que Ele criou o mundo apenas colocando duas ou três leis em ação e que tudo o mais se desenrolou automaticamente, eu posso chegar a uma descrição efetiva do universo — eu sei que não é assim, mas isso funcionaria do mesmo modo.” Ou seja, Descartes coloca o pressuposto naturalista como ficção; ele sabe que é ficção e declara que é ficção. A capacidade que nós temos de raciocinar logicamente a partir de premissas ficcionais, premissas que nós mesmos colocamos e que, embora sejam falsas, podem parecer com a realidade, é evidentemente uma das capacidades mais perigosas que o ser humano tem, porque tudo funciona como se as coisas fossem exatamente assim. E quanto mais exata for a descrição, mais enganado você estará. O universo inteiro da premissa naturalística é ficcional e sua origem não é científica. Até o século XVIII, quando se consolidou esta idéia, não havia conhecimentos científicos suficientes para embasar uma premissa naturalística. Existe um autor chamado Cornelius Hunter, verdadeiro gênio, que descobriu o seguinte: não é que as descobertas científicas confirmavam a premissa naturalística; não, elas eram interpretadas de acordo com esta premissa e, portanto, sempre a confirmavam porque eram lidas assim; se

fossem lidas de outra maneira, se chegaria a outra conclusão. Então, o naturalismo se tornou uma espécie de profecia auto-realizável.

A profecia auto-realizável, **[30:00]** por sua vez, é um mundo separado, ficcional, no qual alguém entra e se confirma eternamente a si mesmo, sem ser capaz de enxergar nada mais para além daquilo. E onde alguém pode enxergar, porém, não o faz como filósofo ou como cientista, mas apenas como ser humano na sua existência real. Contudo, a mesma premissa determina que é ilegítimo o apelo à experiência pessoal real, e só é legítimo o apelo à experiência já recortada e confirmada pela comunidade científica. Então, de fato, trata-se de um delírio: uma profecia que se autoconfirma e que o faz coletivamente. É uma espécie de doença mental, evidentemente.

Então, tudo isso mostra como uma educação científica, em vez de fazer parte da alta cultura, pode ser um elemento que incapacita as pessoas eternamente para a aquisição de alta cultura. Ou seja: o que há de educativo no mundo das ciências é apenas aquele núcleo metodológico e lógico, e não o conjunto inteiro das observações e teorias que constituem uma ciência.

A palavra “ciência” em si mesma é ambígua, tem várias camadas de significado. Vejamos algumas, sem pretensão de sermos exaustivos. Em primeiro lugar, ciência significa o ideal de ciência tal como Sócrates, Platão e Aristóteles o formularam em oposição à *doxa*, ao mundo da opinião. Então a ciência, ou *episteme*, é aquele conhecimento que é demonstrativo, que não apenas afirma algo, que não apenas persuade as pessoas, mas fornece os elementos de prova necessários para saber que as coisas não podem ser de outro modo senão daquele modo a que a sua conclusão lógica levou. Então, a idéia de alcançar um conhecimento demonstrativo, apodíctico — *apo* quer dizer “não”, é um negativo, e *deiksis* quer dizer “destruir”, logo, indestrutível —, a idéia de um conhecimento indestrutível é o ideal inicial da ciência.

Aristóteles sabia perfeitamente que este ideal só pode ser realizado de maneira parcial e imperfeita. E, no entanto, era o mesmo ideal que dava forma e sentido aos esforços científicos ainda que frustrados. Aristóteles entendia o mundo da natureza como o mundo onde as coisas estão em constante transformação e, por isso mesmo, não acreditava em constantes da natureza, mas apenas em estabilizações provisórias — ele está muito mais perto da física quântica do que do mundo de Newton. E, por isso mesmo, ele dizia que o campo inteiro das ciências naturais não podia ser reduzido à ciência no sentido estrito e perfeito. Não existia uma *episteme* da natureza: isto é fundamental. Não existia uma ciência exata e perfeita da natureza, portanto o conhecimento da natureza teria de ser sempre tentativo (existe essa palavra em inglês, nós podemos adotá-la em português: tentativo, experimental). Ora, Aristóteles disse isso quatrocentos anos antes de Cristo.

E esta é a primeira camada de significado da palavra “ciência”: o ideal da ciência e a consciência de que, para a quase totalidade dos domínios da realidade, este ideal não será realizado, mas, ao mesmo tempo, você não pode abdicar dele, porque é ele que dá a forma lógica do esforço que você está

fazendo. Ou seja, a ciência se aproxima do seu ideal de conhecimento apodíctico como numa assíntota, uma curva que vai chegando, chegando, mas nunca chega. Sendo, em qualquer momento, impossível dizer se você se aproximou mais ou menos, ou seja, não há uma distância absoluta, há uma distância que aumenta na medida em que diminui. Isso significa que a assíntota é caracterizada pelo paradoxo. Logo, a ciência efetivamente existente tem uma relação paradoxal com o seu ideal. É este o que determina a forma lógica pela qual nós reconhecemos uma atividade como científica, ele é a medida da cientificidade da ciência e, ao mesmo tempo, ele é a negação dessa cientificidade. Ou seja, comparado com o ideal de ciência nenhuma ciência é ciência, é apenas uma tentativa de ciência. Note bem que aí já estava dado tudo que o Popper vem a dizer mais tarde sobre a refutabilidade etc. etc. Tudo já estava dado ali.

A formulação que Aristóteles dá do método científico é a mais perfeita que alguém já deu. No entanto, quando a partir do século XVI começa a se formar uma nova intelectualidade que já não tem a formação escolástica completa, mas apenas aquele mínimo que as pessoas da nobreza recebiam freqüentando alguns colégios durante algum tempo, duas ou três gotinhas de ensinamento escolástico, e achavam que conheciam a escolástica, Aristóteles etc. etc. Quando lemos Bacon, por exemplo, ele escreve toda sua obra como uma crítica do aristotelismo e uma inversão do aristotelismo, é o que ele imagina [fazer]. E diz o seguinte: “Aristóteles usa um método dedutivo no qual parte de afirmações gerais e conclui as particulares, portanto, ele despreza a observação e experimentação da natureza. E nós temos de fazer exatamente o contrário, nós temos de usar um método indutivo; ou seja, nós temos de observar os fatos e, gradativamente, ir criando as generalizações.” Mas observar os fatos e, gradativamente, ir criando as generalizações, foi justamente o que Aristóteles disse que era a única coisa com possibilidade de ser feita na ciência da natureza. Ou seja, é o mesmo que dizer: Bacon ignorava a filosofia de Aristóteles total e profundamente, e simplesmente não entendia o que estava lendo, ou então recebeu uma informação falsa. Do mesmo modo, Descartes também recebeu informação falsa.

Ora, se o sujeito não sabe onde está a atividade dele dentro do desenvolvimento histórico da disciplina que está praticando, então ele já está fora da realidade. Ou seja: a referência que ele tem, a totalidade do que ele sabe sobre o que está estudando está colocada fora da realidade histórica dessa mesma atividade. E isso já é um elemento de alienação gravíssimo, porque ele não sabe qual é o *status quaestionis*. Então podemos dizer: todos os críticos de Aristóteles, da Renascença para adiante, que criaram a ciência moderna, não tinham a menor idéia do que é [a filosofia de] Aristóteles.

Foi só no século XX que os estudiosos descobriram que a famosa dialética de Aristóteles é o método científico, afinal de contas. Isso hoje em dia, entre os estudiosos especializados da área, é um consenso total. Mas durante quatro séculos a história das ciências se desenrola numa complacente ignorância do seu próprio lugar na história do desenvolvimento do método científico. Esse deslocamento, essa defasagem, entre o conteúdo das ciências e o lugar que elas ocupam historicamente vai afetar profundamente o conteúdo das próprias

ciências. Do mesmo modo que, por exemplo, você supõe que é Napoleão Bonaparte e começa a agir logicamente em função da premissa de que você é Napoleão Bonaparte, é absolutamente impossível que a falsidade da premissa não acabe se introduzindo nos próprios atos que você está praticando. A ciência é a mesma coisa.

Ou seja: quando nos deixamos impressionar, por exemplo, com o que as pessoas dizem: “Ah, mas como você diz isso se a ciência **[40:00]** fez foguetes interplanetários, fez a *internet*, fez isso, mais aquilo, mais aquilo?” Ora, em primeiro lugar: todas estas conquistas, cada uma delas é apenas uma aplicação tecnológica, não há nenhuma aplicação tecnológica que possa ser reduzida inteiramente a uma explicação científica. Toda técnica consiste em fundir conhecimentos heterogêneos, irredutíveis a um princípio explicativo comum, e dar a eles uma existência corporal, dar a essa heterogeneidade de linhas causais uma existência corporal. Ou seja, jamais a eficácia de uma técnica qualquer comprova ciência alguma. Existe um abismo entre as duas coisas. Por exemplo: se eu decido matar você e dou uma martelada na sua cabeça, isto é tecnologicamente de uma eficácia brutal, literalmente de uma eficácia letal. Isso depende de que eu saiba toda a fisiologia da morte? Não. Eu posso ignorar isso totalmente.

Então, todo produto tecnológico nunca pode depender de um princípio científico apenas, isso é absolutamente impossível. Por exemplo, os princípios que explicam a propulsão do foguete não podem por si mesmos explicar a resistência maior ou menor dos metais de que se compõe o foguete, isso depende de uma outra linha de explicação científica que não tem nada a ver com a propulsão, e assim por diante. Imagine a quantidade de materiais diversos e de elementos técnicos diversos necessários para construir um foguete; reduza todos eles a um princípio científico comum. Não é possível. Jamais podemos confundir os sucessos da tecnologia com a capacidade que a ciência teria de lhe dar uma explicação real dos fenômenos. Uma coisa não tem nada a ver com a outra, absolutamente nada. Então não se impressione com essas coisas. Vamos julgar a ciência não pelos efeitos laterais que ela teve através da sua fusão com a tecnologia, e sim por sua ambição declarada de nos dar uma explicação naturalística do fenômeno.

Então, temos a primeira camada de significado: o ideal de ciência; segunda camada: a dificuldade, a tensão que existe entre a ciência e, se possível, o seu ideal; terceira camada: todo o conjunto das observações e teorias historicamente existentes, incluindo as erradas; ou seja, é a ciência como conjunto de conhecimentos enormemente variados, não só no seu conteúdo, mas no seu nível de validade; quarta [camada]: a ciência como atividade socialmente existente, como profissão, que implica a existência de entidades, de subsídios, de uma série de elementos políticos que possibilitam a sua existência; quinta [camada]: a idéia de ciência como autoridade social, como aquela instância que, perante o povão, está habilitada a separar o verdadeiro do falso; sexta [camada]: a ciência como fundamento alegado de certas crenças filosóficas gerais como, por exemplo, o naturalismo.

Quando se fala “ciência”, fala-se nesses seis sentidos ao mesmo tempo. Então

basta isso para você entender que a palavra “ciência”, quando usada em um debate, não é um conceito rigoroso, é uma figura de linguagem que compacta coisas enormemente separadas entre si. E, freqüentemente, quando num debate a pessoa alega a autoridade da ciência, ela está alegando a autoridade de uma impressão de conjunto criada por tudo isso. E para complicar ainda mais, a história do método científico é composta de uma falsidade inaugural que é a cometida por Bacon, Galileu e não sei quantos, com relação ao pensamento escolástico-aristotélico: eles criaram uma falsa ruptura. Ou seja, a partir de um conhecimento extremamente deficiente, para não dizer totalmente falso, do que era a ciência escolástica antiga, eles acreditavam que estavam criando algo novo, quando não estavam: estavam simplesmente repetindo a mesma coisa. E como é que uma atividade tão importante, que tem tanta autoridade sobre a sociedade, pode ser tão ignorante da sua própria história e, portanto, das fontes dessa mesma autoridade?

Portanto, um elemento fundamental para a aquisição da alta cultura é a perda do temor reverencial ante as ciências. Mas esta perda tem de ser completa. Por exemplo, a teoria quântica, a mais certa, e eu acho que não há outra que tenha sido confirmada tantas vezes em laboratório, é o que aparenta ser uma certeza. Até hoje ninguém sabe como articulá-la com a relatividade nem sabe sequer sua significação para a concepção do mundo em geral. Eis o máximo que uma ciência pode fornecer, isso quando ela chega ao auge, ao máximo do máximo do máximo. Ora, isso não significa que eu estou desprezando essas conquistas, ao contrário: elas têm imenso valor. Porém, o valor que elas têm depende inteiramente da capacidade humana de julgar esses conhecimentos em função do conhecimento que cada um tem da unidade do real. Por exemplo: existe o famoso livro de Jean Piaget, intitulado *Sabedoria e Ilusões da Filosofia*, onde ele diz o seguinte: “Conhecimento mesmo só a ciência fornece. A filosofia não fornece conhecimento, ela é um instrumento não de conhecimento, mas de orientação na realidade. Ela vai lhe dar um corpo de valores e critérios para orientação na realidade.”

Ora, o que significa um conhecimento no qual não haja orientação e senso de valor e critério? Não é conhecimento de maneira alguma. Então, Jean Piaget tem razão. A função da filosofia não é fornecer conhecimento científico. Mas conhecimento científico, sem uma compreensão filosófica adequada, não significa absolutamente nada. É apenas um elemento de ostentação de autoridade indevida. Pior ainda, ao examinar a ciência como atividade social, é possível ver o seguinte: a pesquisa científica custa dinheiro, então existe uma constante disputa por verbas (e isso é assim já há duzentos anos); a obtenção de verbas para a sua pesquisa depende de que o cientista consiga demonstrar a uma pessoa externa, a um funcionário, que não faz parte da sua pesquisa e que não é alguém da sua especialidade, que a sua pesquisa é mais importante que as outras. **[50:00]** Isto é um elemento falsificador constante em toda pesquisa científica. Para disputar verbas, os cientistas mentem contra os seus próprios colegas o tempo todo. Por quê? Como a pesquisa não está concluída, ninguém sabe se aquilo é realmente importante ou não. A pesquisa pode não dar nada, mas o cientista desde já tem de provar que aquilo é importantíssimo. Então é claro que se trata de um argumento retórico, um argumento de mera verossimilhança; e todo o funcionamento do aparato científico no mundo

depende desse discurso de verossimilhança. Então imaginem o total descontrole intelectual a que isso pode chegar.

Como podemos nos orientar em face disso? A própria ciência nos fornece algum elemento para isso? Não. Isso depende inteiramente da sua orientação na estrutura unitária do real. Então, a alta cultura consiste em adquirir uma orientação dentro do senso da realidade. O senso da realidade não é o senso de uma coisa que existe, é o senso da participação de sua consciência em uma realidade que a abrange. E é isso que tem de ser constantemente aperfeiçoado e afinado.

A frase do Louis Lavelle que lemos no início nos diz o seguinte: “O problema central das relações humanas é você passar de uma relação baseada na simpatia ou antipatia naturais (daqui a pouco eu vou explicar os limites desta expressão “naturais”) para uma relação que constitua para as duas pessoas envolvidas uma oportunidade de alcançar a sua própria realização espiritual, para realizar-se como seres espirituais que são.”

Então, quando ele diz “naturais”, é claro que está compactando a coisa, naturalmente, porque muitas das afeições espontâneas não são naturais, elas são culturais. Por exemplo, certos padrões de beleza. Desde a juventude, eu sempre fiquei muito impressionado ao observar repetidamente como os padrões de beleza oferecidos pela mídia, pela publicidade etc. etc., afetavam as pessoas. E elas passavam a achar bonitas e atraentes as pessoas que estavam de acordo com este padrão, e sentiam aquilo como se fosse uma atração natural e espontânea, porque nunca tinham se lembrado de procurar beleza em outro lugar. E devemos levar isso em conta ao interpretar o que o Louis Lavelle fala como natural. É claro que, só para mediatizar o termo “natural”, ele poderia escrever cem páginas; ou seja, ele quer dizer aquilo que você vivencia como natural e espontâneo, e não aquilo que é necessariamente natural. Nós não sabemos de fato o que seria simpatia e antipatia naturais.

Houve recentemente um teste — não me lembro em que universidade — para ver se bebês recém-nascidos tinham padrões de beleza. E tinham. Eles tinham atração e repulsa por certas imagens — mostrava-se uma fotografia, eles tinham atração ou repulsa. Logo, existe algo comum, instinto natural de beleza existe. Mas não é deste que o Louis Lavelle está falando, ele está falando daquele que você vivencia como natural e que pode não ser, pode ser inteiramente cultural e pode ser, na verdade, terrivelmente artificial. Do mesmo modo que existe o padrão de beleza, existe o padrão de atração e repulsa, não necessariamente sexuais: a atração que você tem por certas condutas, a admiração que tem por certas pessoas e o desejo de ser aceito em certos grupos. Tudo isso é o mundo de atração e repulsa naturais, no sentido em que o Lavelle está usando a palavra.

Ora, essa atração e repulsa naturais são eminentemente antropofágicas. Elas não têm absolutamente nada a ver com o amor no sentido mais elevado. Você tem atração por aquelas pessoas por obter algo delas, uma satisfação. E mesmo que você não dê nada a elas jamais, mesmo que passe a sua vida só as explorando e usando, você continua tendo aquela atração. Então, alguém diz:

“Eu gosto de você.” Bom, você gosta de mim como o cachorro parado diante de um frango de vitrine. O frango está ali rolando e o cachorro está ali [olhando]; ele gosta daquilo. Ele não vai comer aquele frango, porque está fora da possibilidade, mas é o que ele gostaria de fazer. Então, ele está consumindo com os olhos. Muitas vezes o que nós chamamos de afeição na vida é simplesmente isto: uma antropofagia. Será isso a maior possibilidade do ser humano? Esse tipo de afeição qualquer macaco tem.

No outro extremo, está a frase de Jesus Cristo: “A perfeição da amizade é morrer pelos amigos.” E no meio dessas está a famosa frase do Léon Bloy: “O critério da amizade é o dinheiro.” Se eu peço dinheiro para um sujeito e ele me dá, ele é meu amigo; se não [dá], não [é meu amigo]. Isso é terrível, é uma coisa terrivelmente verdadeira, porque a pessoa diz para você: “Eu gosto de você.” “Então me empresta cem reais.” “Ah, não.” “Afinal, quanto você gosta de mim? Você gosta de mim para consumir, porque eu lhe dou um prazer, uma satisfação; porque de algum modo eu reforço o seu ego, só por causa disso. Mas se eu precisar de você, você não vai estar ali.” Isso eu constatei na vida. No Brasil, o costume é o seguinte: quando você pede um dinheiro emprestado para o sujeito, ele não lhe empresta o dinheiro, mas lhe dá uma série de conselhos destinados a mostrar que você é um irresponsável, um moleque, não sabe viver etc. etc., e que você deveria ser como ele. Você sai humilhado e ainda agradece: “Muito obrigado!” Esse é o costume no Brasil. Se tem uma coisa de que me orgulho na vida é de jamais ter feito isso. Eu tenho por norma o seguinte: se o sujeito me pedir dinheiro e se eu tiver, eu dou; se eu não tiver, não dou nada, mas também não vou encher o saco com conselho numa hora dessas. Então, isso eu nunca fiz. Mas sempre percebi que este é o costume na vida do brasileiro, e eu mesmo me vi muitas vezes nesta situação.

Essa atração e repulsa naturais, na melhor das hipóteses, não têm nenhum significado moral. São apenas um fenômeno da natureza, aí incluída a sociedade humana, porque os macacos também têm a sua sociedade, as hienas têm a sua sociedade, as formigas têm a sua sociedade, e dentro de todas essas sociedades, existe atração e repulsa nesse sentido. Por exemplo, se em um grupo de pessoas existe um sujeito que tem certa força psicológica, ele tem liderança, impressiona as pessoas, então metade das pessoas vai adorá-lo, **[1:00]** porque de algum modo ele as preenche, e a outra metade vai invejar e querer destruir o cara. Isso é sempre assim.

E nenhuma dessas duas reações tem significado moral, porque a opção, a escolha, a reação, na verdade, é inteiramente determinada pelos interesses orgânicos do indivíduo, interesses psicofísicos, por assim dizer.

Uma outra coisa que eu observei é que as pessoas que são muito inteligentes e muito cultas tendem a achar que todo mundo é muito inteligente, e as pessoas que são mais burras e medíocres tendem a achar que até os inteligentes são burros; elas depreciam as maiores inteligências. Por que isso acontece? Porque se o sujeito é realmente inteligente e culto, ele vê as pessoas não apenas no seu estado atual, mas pelas suas possibilidades interiores. E o outro, ao contrário, mede as pessoas apenas como concorrentes, numa espécie de concurso de prestígio. Portanto, se alguém é burro, o sujeito se sente satisfeito

porque é superior ao burro; e se alguém é inteligente, ele tem de demonstrar que o sujeito é burro para não se sentir inferior. Então, este julga as coisas apenas em função do seu interesse. As pessoas que vivem na relação natural e espontânea são 100% egoístas. O que quer que digam, só estão pensando em si mesmas. Isso significa que de fato elas não se comunicam com o outro. Elas o transformam numa peça do seu imaginário pessoal e usam-no para se reforçar, para se satisfazer etc; e quando o outro não serve mais, ela se afasta. Essa relação é, na verdade, amoral na melhor das hipóteses, mas em 99% dos casos é imoral. Se na sociedade humana existisse apenas este tipo de relação, a sociedade seria aquilo que Hobbes descreve como a “guerra de todos contra todos”, porque isso sempre vai terminar mal. Se cada um está buscando apenas o seu interesse, isso vai naturalmente terminar mal. Das duas uma, ou o outro satisfaz o seu interesse ou não o satisfaz. Se o outro satisfizer o seu interesse, você não precisa mais dele; e se não o satisfizer, você ficará irritado; então, isso nunca vai dar certo.

No outro extremo, o ser humano tem a possibilidade de conceber o outro como um ente espiritual eterno e, portanto, como uma imagem de Deus. E também tem a possibilidade de perceber qual é a diferença que existe entre esta pessoa, como uma imagem de Deus, e esta pessoa no seu estado atual subjetivo. Ou seja: podemos olhar uma pessoa que está 100% envolvida, 100% absorvida no seu próprio interesse orgânico sabendo que ela pode ser infinitamente mais do que isso, bastando que submeta esse interesse orgânico a um “algo mais”. Acontece que este “algo mais” é inconcebível fora da alta cultura. Porque você olha as coisas de acordo com o meio lingüístico e simbólico no qual está, que equivale ao seu meio social de referência. Porém, só quando o seu meio social de referência é constituído, não pelo grupo imediato, e nem pelo seu tempo histórico, mas pelo conjunto dos homens melhores de todas as épocas, aí é que você pode conceber as possibilidades superiores, senão, você não pode.

“Ah, mas e a religião?!” Eu digo: se você ler a Bíblia o dia inteiro, isso não vai adiantar nada. Por quê? Porque você vai entender a Bíblia sempre em função daquele seu interesse predominante que é o interesse orgânico, ou o interesse do seu grupo social. Você não verá a coisa na dimensão humana e universal. Ou seja: a aquisição da alta cultura é o único meio que você tem para ter uma conduta moral que preste. Fora disso, você está no mundo da irresponsabilidade moral. Por exemplo, existe um escritor inglês, Frank Raymond Leavis, que dedicou sua vida a mostrar para as pessoas que a literatura de ficção é uma meditação sobre as possibilidades da vida moral humana. Na medida em que concebe enredos e situações possíveis, você está pesando um nível de responsabilidade moral que está presente na infinidade das situações humanas mais particulares e até indescritíveis. Ora, São Tomás de Aquino dizia que o “grande problema da moral é que a regra é a mesma, mas as situações são infinitamente variadas”. Então, você não sabe como entender a regra geral em relação a cada situação. Ao mesmo tempo, você não pode viver todas as situações humanas, mas pode imaginá-las. Você pode ampliar o seu imaginário até ser capaz de compreender as situações humanas, as mais diferentes possíveis, e as mais afastadas da sua experiência imediata. Como é que nós fazemos isso? Por imaginação e pela literatura de ficção. Sem

isto, você simplesmente não compreende as situações. Não compreende a delicadeza e a sutileza das situações. Se você não compreende a delicadeza e a sutileza das situações, você vai julgar os seres humanos mediante uma projeção ingênua da sua própria pessoa sobre eles, sem entender exatamente o que está se passando com eles. Portanto, e esse é o ponto, é o cavalo de batalha de Leavis: a existência de um público habilitado a ler e a compreender a grande literatura é a condição de manutenção da moralidade nesta sociedade. E ele tinha toda a razão. Isso quer dizer que para ele a obra de arte literária era exatamente o que era para Aristóteles: uma representação do possível, não do real. Mesmo quando uma obra literária lida com situações reais, como o romance histórico, ela lida não enquanto reais, mas enquanto possibilidades.

Vivenciar imaginativamente as mais variadas possibilidades de vidas humanas, de situações humanas, de dramas humanos, de conflitos humanos, é o aprimoramento da sua imaginação moral, e não há outro instrumento para isso. Portanto, a grande literatura tem uma função eminentemente educativa e, pior: só ela tem essa função educativa. O simples raciocínio lógico, moral, não serve para isso. Mesmo as obras de filosofia moral e de teologia moral mais sublimes que existem, não servem para isso; por exemplo, uma grande obra-prima como a *Teologia Moral* de Santo Afonso de Ligório, são oito volumes onde ele vai estudando as mais diferentes situações. Santo Afonso de Ligório era bastante detalhado, mas **[1:10]** em comparação com a variedade real das situações humanas, aquilo é nada. Ou seja: o pensamento lógico jamais poderia abranger a totalidade das situações, é necessário uma imaginação poderosa, porque através da imaginação você se identifica com a situação do outro. Se o outro está sentado na cadeira do dentista extraindo um dente, no meu dente não dói nada. Mas eu posso, por imaginação, me identificar com o sujeito e, às vezes, posso até sofrer mais do que ele. Existia uma tribo indígena, não lembro onde, na qual os pais, isto é, os homens, sofriam as dores do parto junto com as mulheres. Isso era sentido por imaginação e não fisicamente. O sujeito tinha tanta afeição àquela mulher que quando ela estava sofrendo, doía nele. Portanto, é só por imaginação que podemos fazer isso. Mas se nós não ampliamos a nossa imaginação, a nossa capacidade de nos identificar com os seres humanos se reduz àquelas situações corriqueiras que estamos habituados a viver e, pior, interpretamos essas situações em função do nosso auto-interesse.

Em suma, é o mesmo que dizer: “Você não compreende ninguém, você não enxerga ninguém, você não tem amor a ninguém. Você só pensa no seu próprio umbigo.” “Ah, mas se eu for à igreja rezar...” Não adianta. Se você não compreende nem as situações reais, como vai compreender a Bíblia? Muita gente diz: “Eu uso a Bíblia para entender as situações reais”, mas e o contrário? O que você vai fazer é reduzir a Bíblia a uma série de estereótipos e regrinhas, e vai julgar todo mundo em função disso. Por exemplo: quanto tempo leva para entender que você não pode criticar uma pessoa por um defeito que você, se o tivesse, não seria capaz de superar? Eu entendi isso, já faz tempo, mas não foi antes dos 40 anos. Então, quando via o sujeito fazendo uma coisa errada, por algum motivo, eu pensava: “Se eu estivesse naquela situação, eu seria capaz de agir de uma maneira melhor? Eu sou capaz de

evitar aquele mal, aquele pecado daquela pessoa... mas se eu estivesse na situação do sujeito, eu não saberia, então é melhor não dizer nada para ele.” É por isso que eu odeio dar conselhos morais porque na maior parte dos casos eu não sei o que faria. Às vezes você é obrigado a dar conselho moral quando é uma situação desesperada, ou quando a pessoa pede muito. Você é obrigado a dar; não pode fugir dessa responsabilidade. Porém, o tempo que eu vejo as pessoas perdendo, fazendo julgamentos morais sobre coisas que não entendem, é um negócio terrível. Então, por que em vez de fazer julgamentos morais, se tem tanto interesse em moralidade, você não tenta ampliar a sua percepção moral através da leitura das grandes obras de literatura? Não há uma grande narrativa, romance, conto, novela, peça de teatro que não seja baseada num conflito moral. Pelo número de romances, contos, novelas e peças de teatro existentes, você imagina o número de conflitos morais diferentes que podem existir. Você tem a solução de todos eles na cabeça? Não.

Numa situação culturalmente normal, existe um público, ainda que pequeno, habilitado a raciocinar sobre essas coisas, com todo o senso de responsabilidade que está implícito na compreensão da variedade das situações humanas. E se existir esse grupo de pessoas, e esse grupo tiver uma influência na sociedade, as pessoas que não têm alta cultura refletem esse julgamento e entendem as coisas à luz da alta cultura, mesmo que não a possuam pessoalmente.

Você pode dizer: “Ah, eu vou ler a Bíblia.” Bom, qual é o seu nível de compreensão da língua portuguesa? Você tem sensibilidade para a língua portuguesa? Vamos supor que você leia a mais bela tradução da Bíblia que já houve que é a do Padre Figueiredo, feita no século XVIII em Portugal. Uma obra-prima da língua portuguesa. Vamos supor que, na melhor das hipóteses, você leia esta obra. Se o seu nível de sensibilidade para a língua é pequeno, você não entende nem notícia de jornal, quanto mais a língua do Padre Figueiredo. Sabendo que o Padre Figueiredo traduziu do latim, que por sua vez foi traduzido do original grego, hebraico, aramaico etc. Quantas pessoas eu não conheço, sobretudo no meio protestante, onde elas gostam muito de ler no original grego, hebraico, aramaico, para ter certeza, e no entanto, a compreensão que elas têm da sua própria língua é deficiente. Portanto, não adianta, se você não tem sensibilidade para a sua própria língua, a erudição hebraica ou grega não vai resolver nada. Porque é a mesma coisa que você pegar um monte de cocô e colocar um diamante em cima. Não vai melhorar em nada a sua situação. Então, o que falta? Leia a grande literatura. Pegue toda a sua riqueza de nuances. Às vezes certos poemas são de uma riqueza tão grande, que seus autores conseguiram compactar numa frase, duas frases, uma infinidade de expressões que você jamais conseguiria explicitar uma por uma. Por exemplo, quando Camões disse: “Transforma-se o amador na coisa amada por virtude do muito imaginar.” Eu estou pensando nisso há 35 anos e ainda não esgotei o conteúdo. Nessas coisas é possível ver a força da linguagem poética. Se quiser interpretá-la, você não consegue, porque quanto mais interpretações dá, outras interpretações surgem, e essa linguagem foi feita exatamente para isto. Ela não está ali para ser interpretada, ela está ali para enriquecer a sua linguagem. Se não existisse grande literatura, as línguas

se transformariam e se deteriorariam com tal velocidade, que em questão de 2 ou 3 anos, o que cada pessoa falou se tornaria incomunicável para outra. Eu sugiro que vocês façam uma experiência: peguem aqueles jornais populares da imprensa nanica dos anos 60, 70. Vocês verão como rapidamente a linguagem deles se tornou, não incompreensível, mas perdeu muito rapidamente aquela comunicabilidade imediata que tinha. É a grande literatura que estabiliza a linguagem e faz com que, das inúmeras possibilidades da linguagem humana, algumas possam se transmitir de geração em geração, sem serem perdidas, sendo conservadas. Se não tem isso, a linguagem sai como por um esgoto, que é exatamente o que está acontecendo no Brasil. E como é que um sujeito treinado na linguagem do esgoto vai ler a Bíblia e consultar um dicionário grego para saber o que Jesus Cristo quis dizer?

Charles de Gaulle dizia o seguinte: “O que compõe a identidade de um país são três elementos: língua, religião e alta cultura.” Mas alta cultura é sobretudo a compreensão da língua. Então, nós não temos três elementos, temos dois. E esse cultivo da alta cultura é a religião. No mundo moderno, depois que uma série de acontecimentos na história do Ocidente foi isolando a religião da sociedade, a palavra religião adquiriu o sentido de uma atividade quase especializada. **[1:20]** A religião consiste em você ir à igreja, ler a Bíblia, fazer certos rituais e agir de acordo com certas regras. Isso é religião. E o resto? O resto é cultura, é política, é economia etc. etc., mas isso é religião? Não, isso é a religião tal como os inimigos da religião a definiram. Os primeiros inimigos que a definiram foram os reis, que criaram os Estados Modernos (foi feita uma gravação sobre o Absolutismo que eu passei para o Sílvio Grimaldo colocar no Seminário de Filosofia. Não sei se já está online, se ainda não está, Sílvio, favor colocar o quanto antes, isso é urgente). Os Estados Modernos surgem, como está explicado com mais detalhes nesta gravação do Seminário, em função da necessidade de extinguir as guerras de religião. Depois que aparece a Reforma Protestante, a situação vira uma anarquia, estão todos contra todos, e cada um se acredita no direito de matar o próximo em nome de Jesus. A sociedade, naquela época, já não era muito organizada, existia o banditismo, uma desordem infernal, semelhante ao Rio de Janeiro, e com as guerras de religião a situação piora. Então, alguns fulanos decidem que eles têm de criar uma autoridade que esteja acima das dissensões religiosas, e assim eles criam o Estado Moderno. No Estado Moderno, a situação é a seguinte: existe o rei e, ou você segue a religião do rei (se você não seguir você tem de ir embora), ou então, se o rei governar sobre várias comunidades religiosas diferentes, ele está acima de todas elas. Isso quer dizer que a estrutura das leis que compõem o Estado fica colocada acima do critério da moral religiosa. A moral religiosa se torna uma questão pessoal. Embora isso tenha tido de fato a virtude de acalmar as guerras religiosas, porém, mais tarde os Estados Modernos acabam criando guerras piores; essa decisão foi uma falsa solução. As guerras de religião não se comparam às guerras que os Estados Modernos criaram, não tem nem comparação, mas no momento pareceram [equivalentes].

É como aquela história do filme do Clint Eastwood, em que o sujeito se jogou sobre um cacto. Depois estão tirando os espinhos e lhe perguntam: “Por que você fez isso?” E ele responde: “Na hora me pareceu uma boa idéia.” O Estado Moderno também foi assim, na hora pareceu uma boa idéia para acabar com

as guerras, mas depois criou guerras muito piores. Além de criar guerras muito piores, na medida em que se cria um Estado acima da consciência religiosa, cria-se uma duplicidade: por um lado, cada um tem sua crença interior enquanto ser humano real, e por outro lado, cada um tem sua crença enquanto cidadão ou súdito.

As conseqüências intelectuais disso foram absolutamente devastadoras, e uma delas foi a criação da ciência ficcional por Descartes. Outra foi criar a disseminação da falsa biografia. A autobiografia de Descartes é falsa, a de Michel de Montaigne é falsa, a de Maquiavel é falsa. Nenhum deles tem mais aquela sinceridade que se observa na biografia antiga de Santo Agostinho. O gênero autobiográfico nasce com Santo Agostinho, e tão logo nasce, entra em decadência. Eu acho que é só no século XX que se volta a ter a possibilidade de uma autobiografia realmente sincera, como se vê em alguns escritos. O diário [*Jeunes Années*] de Julien Green, por exemplo, eu acho que é o maior diário que alguém já escreveu, são milhares e milhares de páginas. Ali é possível ver realmente a história de uma alma, tal como se vê em Santo Agostinho. Mas, *Os Ensaios* de Michel de Montaigne, que são escritos autobiográficos, não são histórias de uma alma de maneira alguma, são histórias de um personagem, uma coleção de disfarces. E a de Jean-Jacques Rousseau, então, nem se fala. E assim, há várias conseqüências intelectuais absolutamente devastadoras.

À medida que o tempo passa, a religião vai se tornando uma atividade especializada. Ora, antes do advento do Absolutismo, não existia o que se chama hoje política propriamente dita. Havia o direito e a moral. A atividade política consistia no direito e na moral, tanto que se o sujeito quisesse ter uma atividade política fora do direito e da moral, ele podia fazer isso, mas era um ato de força, como, por exemplo, o fundador do reino de Portugal, Dom Afonso Henriques, que matou todos os seus concorrentes e tomou as terras deles. Isso podia acontecer no contexto medieval, mas era considerado ilícito. Ao passo que, a partir do advento do Absolutismo, toda a imoralidade da política tem uma autoridade superior à moralidade da religião. É uma situação nova na história, nós nos acostumamos tanto com isso que achamos natural. Não, isso foi natural na Antigüidade. Eu li o livro do Fritz Kern, *O Reinado e a Lei na Idade Média*, uma pequena obra-prima, e também o livro do Friedrich Meinecke, *A idéia da Razão de Estado*, outra obra-prima. Eu comento isso bastante nessas gravações, em outros escritos e no livro *A Mente Revolucionária*. Ali é possível ver que em Roma, por exemplo, Cícero dizia: “Muitos pecam pelo bem da República.” Eles admitiam que o governante podia fazer certas sacanagens que eram pelo bem do Estado, pelo bem da República. Mas, pelo menos em Roma, eles não entendiam o Estado como uma entidade superior à própria sociedade e superior à cultura. O Estado não era uma entidade jurídica própria, o Estado era a própria sociedade, a República era a própria sociedade. Mas quando surge o Absolutismo moderno, então, essa idéia da razão de Estado antiga vem com uma vingança. O Estado passa a ser uma entidade metafísica. E nós nos acostumamos com isso porque isso já faz quatro séculos ou mais. À medida que o Estado se constitui como uma entidade independente da religião e da cultura, e superior a ambas, então é claro que a religião vai sendo isolada cada vez mais. Já no século XIX, Jacob

Burckhardt falava dos elementos, das forças que determinam a história: o Estado, a religião e a cultura. Ou seja, já se concebia a cultura como uma coisa fora da religião. Mas desde o advento do Cristianismo até 1300-1400, isso era absolutamente inconcebível, porque era a própria religião que criava a alta cultura. E a partir do momento que existe essa ruptura, surge uma "alta cultura" diminuída, criada por membros da aristocracia que já não tinham a cultura escolástica, e nem a compreendiam, e que se achavam superiores a ela pelo simples fato de que não a compreendiam, como é o caso de Francis Bacon ou René Descartes. A perda técnica que houve na filosofia foi absolutamente monstruosa. As pessoas voltam a colocar as questões de uma maneira pueril, como se fossem filósofos do tempo helenístico. Como, por exemplo, colocar a natureza e Deus como se fossem dois elementos que podem ser confrontados. De onde surge esse dualismo entre ciência e religião? Mas é tão pueril essa maneira de colocar as coisas. De fato, não é assim. Nós acabamos de ver, no mínimo, seis camadas de significado que tem o termo "ciência". Como é que se pode confrontar isso com outro negócio chamado religião? Isso não existe. Isso é coisificar elementos que na verdade são tensionais, conflitivos, contraditórios. Então, é por isso que as pessoas acham perfeitamente possível praticar religião sem alta cultura, mas estão enganadas. Notem bem: o camponês medieval podia ser analfabeto, mas as idéias dele eram exatamente as de Santo Tomás de Aquino. Havia perfeita continuidade. Hoje não. **[1:30]** A religião desligada da alta cultura é uma falsa religião. Ela pode ser verdadeira no seu conteúdo verbal, você está repetindo as mesmas verdades que Jesus Cristo disse, mas o que você está entendendo daquilo é deficiente, é errado, é contraditório, e quanto mais bonzinho você quiser ser, mais besteira vai fazer. Como é possível, por exemplo, que tantos milhões de cristãos tenham aderido, explícita ou implicitamente, até inconscientemente, a uma porcaria como a Teologia da Libertação, que é uma coisa tão falsa e tão imbecil, que não merece sequer a atenção da crítica. A crítica para a Teologia da Libertação é um tapa na cara e pronto. Não vem com essa idéia, porque é tão idiota que não dá nem para começar a conversar. Como foi possível que dentro da Igreja acontecesse isso? Como foi possível que, quando começou a infiltração da Igreja pela KGB nos anos 30, pouquíssimos membros do alto clero percebessem a coisa ou lhe dessem importância? Como puderam ser tão cegos assim?

É claro que eu entendo como um elemento fundamental da alta cultura, a capacidade de saber em que ponto da história você está, ou seja, saber o que está acontecendo realmente. Se não tem isso, você não tem alta cultura, mas apenas um diletantismo. Isso é outra coisa também. Eu conheço pessoas que não têm a menor idéia do que está acontecendo no mundo, mas acham que têm alta cultura porque estudaram grego ou leram Santo Tomás de Aquino ou Hegel. Mas isso não é alta cultura. A alta cultura é a conquista de um imaginário suficientemente amplo e organizado para que você tenha sensibilidade para o que está acontecendo, do contrário você está dormindo, e quem está dormindo não tem alta cultura.

A aquisição da grande literatura só tem sentido se você entender exatamente como o Frank Raymond Leavis entendia. Não se trata de contemplação

estética, mas da aquisição de uma linguagem que lhe permita conceber a infinidade de situações morais humanas. E por isso mesmo, como ele dizia com toda a razão, se nós perguntarmos: quem são os grandes romancistas? São aqueles nos quais a consciência, a percepção moral é mais aguçada. Invariavelmente são esses. E é justamente para isso que serve a grande literatura.

Agora vou responder a algumas perguntas.

Aluno: Há duas semanas o senhor perguntou se ainda há as edições Loyola. Há sim, a melhor versão da Suma Teológica no Brasil.

Olavo: Ah, sim, eu conheço algo desta edição, tenho os dois primeiros volumes, não consegui comprar os demais.

Mas acho que não foi sobre a Ed. Loyola que eu perguntei, acho que foi sobre uma outra. Eu perguntei sobre a Ed. Agir. Eu me lembro disso porque a Agir tinha os direitos sobre as obras do Gustavo Corção, e essas obras desapareceram. Um livro absolutamente fundamental é *Dois Amores, Duas Cidades*; você não compra de jeito nenhum, ou seja, eles não editam e não deixam os outros editarem. Não sei se essa editora cessou de existir, ou se mudou a diretoria, e eles não gostam do Gustavo Corção, então sentam em cima da obra e não deixam mais ninguém ter acesso. O ódio que esse pessoal tem de certas coisas é incrível, o ódio irracional, invejoso, baixo, mesquinho, porque eles não são capazes de competir no campo da discussão, das idéias etc., muito menos da qualidade, então ficam cortando o fio para não deixar o sujeito falar.

Aqui nos EUA vivia o famoso cantor de ópera Jerome Hines, que foi o primeiro baixo do Metropolitan aos 25 anos, e ali continuou até morrer. Cantou até a véspera com a mesma voz que tinha aos 25 anos, só que no meio da vida, ele teve umas visões de Jesus Cristo e virou um pregador protestante. Ele dizia: “Tudo o que eu faço agora é só para a glória do Senhor, esse negócio de música é só um instrumento.” Bom, quando ele morreu, a gravadora sumiu com seus discos, nunca mais publicaram. Claro que em vida o sujeito era tão poderoso que não dava para escondê-lo, mas depois de morto, eles sentaram em cima. Se vocês gostam de música, procurem na *internet*, existe o *site* de um amigo dele, que era barítono, onde há um monte de gravações. É um negócio absolutamente espetacular. É o maior baixo cantante de todos os tempos. Todo mundo fala do Chaliapine, mas comparado com o Jerome Hines o Chaliapine parece uma galinha.

Intervenção: A Ediouro comprou a Agir em 2002.

Olavo: A Ediouro comprou a Agir e sumiu com o Gustavo Corção. Então, turma da Ediouro, o que é isso? Vou falar isso no programa de rádio. Tomem vergonha na cara.

Aluno: Na aula retrasada, o senhor estava demonstrando através do exame da experiência científica feita com as cartas azuis e vermelhas a diferença entre a percepção primária dos riscos, dada através do suor das mãos dos participantes após a retirada da 10ª carta vermelha, e a sua construção lógica posterior, se é que podemos assim chamar, acerca da experiência compreendida após a retirada da 50ª carta. Fiquei com a seguinte dúvida: a chamada primeira percepção, após a retirada da 10ª carta vermelha, não seria captada pela própria necessidade lógica? Se não for assim, como se daria essa primeira apreensão?

Olavo: Mas é exatamente isso, é a necessidade lógica que você captou. A diferença não é a de intuição e raciocínio. Nos dois casos é raciocínio, só que em um caso você faz o raciocínio com os próprios elementos da realidade física que estão presentes; no outro caso, você faz com signos guardados na sua memória, reproduzidos e transformados em conceitos.

Se você está em um campo de futebol, e vê um jogador passar a bola para outro, o sujeito percebe a possibilidade da jogada. O que ele fez? Isso é um raciocínio, não é uma intuição. Só que não deu tempo de fazer o raciocínio na mente dele. Ele fez com os próprios dados da percepção. Então, o jogador percebe a conexão lógica não entre signos, mas entre coisas, e é exatamente essa a diferença. Existe essa percepção imediata da relação entre coisas, existe um segundo nível de percepção que se dá no imaginário, na fantasia, e só muito depois disso tem o nível de percepção da conexão lógica entre conceitos. Então, qual é a base da inteligência? Bom, primeiro, é permanecer o mais próximo possível do primeiro modo de raciocínio, ou seja: raciocinar com as coisas. Se não puder raciocinar com as coisas, aproveita o fluxo de imagens que tem dentro de você e que é um raciocínio com símbolos, ainda não transformados em conceitos. E se não deu, bom, daí **[1:40]** você vai para os conceitos no fim, mas vai demorar mais. Pior ainda, nessa passagem, quanto mais você vai transformando os elementos percebidos (primeiro transforma em imagem na memória, depois em esquema fático, esquema eidético etc., toda aquela parafernália descrita por Aristóteles, que eu resumo no livro *Aristóteles*

em Nova Perspectiva), quanto mais transformações há, a possibilidade de erro aumenta e por isso aumenta também a incerteza e a dúvida.

Por exemplo, o caso de Napoleão no campo de batalha. Todo mundo sabe que as batalhas de Napoleão só davam certo quando ele estava lá pessoalmente, porque ele olhava a disposição das tropas no campo e imediatamente sabia o que era para fazer. Mas se ele fosse explicar aquilo, levaria muito tempo e nesse ínterim o inimigo venceria a batalha. Assim, não dava para ele fazer o comando indireto, tinha de ser direto e na hora, e não dava para explicar o porquê. Ele dizia: “Olha, faça assim, assim e assim...”, daí [se] o outro perguntava: “Mas por que, general?” Ele respondia: “Ah, agora não precisa mais fazer porque não dá mais tempo.”

Você tem razão, é a necessidade lógica que você percebeu, só que a necessidade lógica implícita na própria situação física presente, e não a necessidade lógica que conecta elos no seu pensamento. É a lógica da realidade. Você vê isso nas menores coisas. Por exemplo: um marceneiro trabalhando gradua exatamente a força que tem de fazer no serrote com a resistência maior ou menor de cada tipo de tábua. É um raciocínio, não é uma intuição, só que é feito em cima da própria matéria.

Aluno: Qual é a diferença, se é que há, entre esse modo de raciocínio indutivo com coisas e o que os animais fazem, por exemplo, um gato quando calcula o salto que tem de dar para subir no muro?

Olavo: Não há diferença nenhuma. A diferença humana é puramente quantitativa. Nós somos capazes de lidar com um número de variáveis que nem o mais inteligente dos orangotangos conseguiria. Por exemplo, a disposição dos exércitos no campo de batalha. O animal consegue fazer isso atomisticamente, e o ser humano não, praticamente não há limites. Na hora em que Niels Bohr sonha com a estrutura do átomo, você imagina o número de elementos acumulados na experiência que se sintetizam nesse instante. Foi um sonho. Mas se ele deixasse o sonho de lado e tentasse obter a mesma conclusão através de raciocínio lógico, estaria até hoje sentado lá. Aqui nos EUA existem várias técnicas de sonho acordado dirigido, sonho lúcido etc. etc. Por que elas não funcionam como deveriam? É um negócio incrível. É assim que as conseqüências de uma falsa cultura acumulada ficam evidentes. Eles explicam como através das imagens, do sonho, se chega a conclusões muito mais rápidas. Só que na hora de explicar por que acontece desse modo, eles

explicam a partir das conexões cerebrais. Isso significa que é melhor ir por um modo de conhecimento que é eminentemente sintético e simbólico do que pela subdivisão lógica, só que na hora de explicar isso é usada a subdivisão lógica. Nenhuma conexão do meu cérebro pode explicar o que está se passando nas cartas, porque não se passou no meu cérebro, ou seja, o sujeito está tentando apelar para o pensamento simbólico, onírico etc., para vencer o dualismo cartesiano que está imbricado na nossa cultura, mas ao fazer isso, ele cai de novo no mesmo dualismo. Porque o processo cerebral envolvido não importa, não importa como o seu cérebro percebe. O que interessa é o que ele está percebendo. É claro que o cérebro tem alguma função nisso, mas a existência de conexões lógicas na própria realidade, o sexo, quer dizer, o cérebro não pode explicar. Olha o ato falho freudiano. Estou achando que isso é perversão sexual, e é mesmo. Claro que isso é uma perversão. A analogia com sexo é evidente, ou seja, o sujeito explicar, por exemplo, o fenômeno da ereção pelos vasos sanguíneos etc. Mas ele teve ereção diante do quê? Podem me colocar na frente do sujeito e ele não vai ter ereção nenhuma (espero que não, para a minha segurança física), mas se for uma mulher pelada ele pode ter. O funcionamento do aparato reprodutivo do sujeito não pode explicar a relação dele com o objeto. Você tem de explicar quais são as propriedades do objeto que geram isso, o que ele percebeu no objeto. Não é algo totalmente subjetivo. Do mesmo modo, o funcionamento do meu cérebro não pode explicar a lógica da distribuição das cartas, ou não pode explicar quando o sujeito vai pregar um prego. Existe o tamanho do prego, a resistência da madeira, diferente em cada caso, e o peso do martelo. Eu observava o sujeito que fez o *dry wall* na minha casa, cobriu as paredes para transformar a garagem em um escritório, e eu jamais o vi dar mais de uma martelada em um prego. Ele punha o prego e dava só uma. Como ele fazia isso? Anos e anos de prática e ele sabia exatamente a resistência daquela madeira, foi graduando a martelada até simplificar o negócio. Como o cérebro dele explica isso? O cérebro dele não é de madeira, não tem prego nenhum lá, não tem martelo. Querer explicar essas coisas pelo funcionamento do cérebro é amputar metade da realidade. O funcionamento do cérebro tem uma relação remota com isso. Você não pode entender isso pelo funcionamento do cérebro, tem de entender o processo real. Só depois de fazer isso você pode saber onde o cérebro entra [nesse processo]. Agora, isolar tudo e explicar pelo cérebro na mesma hora em que está propondo uma outra modalidade de pensamento não dualística, então você fez um *loop*, e voltou ao mesmo lugar em que estava. Eu sugiro: esqueça o cérebro. Qualquer situação, qualquer fato, qualquer fenômeno, pode ser investigado desde uma multiplicidade de pontos de vista. É infinito, praticamente ilimitado. O truque consiste em você saber qual é o ponto de vista que a situação mesma está exigindo, e deixar-se humildemente que a sua curiosidade, o seu enfoque, o seu olhar, a sua atenção, seja modelada pela situação, em vez de reduzi-la a uma categoria **[1:50]** pré-determinada pela ciência que você estudou, ou pelo que você está acostumado a pensar. Por

exemplo, imagine o simples fato de bater um prego. Você pode estudá-lo do ponto de vista mecânico, cinemático, da composição química do prego e da madeira, do ponto de vista econômico do preço de cada coisa, existem milhares de pontos de vista. Agora, qual é o ponto de vista certo para você bater o prego? É o que a gente chama de ponto de vista concreto, que é aquele que não isola nenhum desses aspectos, mas os encara na sua concretude imediata. Para bater um prego direitinho, você precisa saber o preço do prego? Não. Se você ganhou o prego, dá na mesma. Então isso é irrelevante. Do mesmo modo, talvez o ponto de vista cinemático ou mecânico não seja indiferente. Então é este que você tem de observar, porque é este que a situação exige.

Tem uma coisa que há muito tempo me espanta: como as pessoas conseguem participar de situações concretas com uma atitude mental abstrata, olhando só por determinados lados com os quais elas estão acostumadas, em vez de deixar que a situação determine isso?

Aluno: Segundo Augusto Comte, ciência é aquele conhecimento que permite prever o futuro. Para Aristóteles também é assim? Está correto dizer que a história é uma ciência, que o direito é uma ciência, que a sociologia é uma ciência? Está correto dizer que a literatura é uma ciência e a matemática também?

Olavo: Tenha em vista as seis camadas de significado que só nesta aula eu discerni no termo “ciência”. Nenhuma dessas perguntas tem uma resposta unívoca. Na medida em que se orientam pelo ideal de um conhecimento apodíctico, todos esses conhecimentos são ciência. Sabem que não podem chegar lá, mas tentam se aproximar.

Quando Augusto Comte dizia que há possibilidade [de a ciência] prever o futuro, ele não dava isso como uma definição da ciência, e sim como uma propriedade da ciência. Augusto Comte também não era tão burro assim, ou seja, ele não disse que só aquilo que prevê o futuro é ciência. Ele disse que a ciência, se for ciência, permitirá prever o futuro, em certos casos. Mas que sentido teria você aplicar isso à matemática? A matemática permite prever o resultado de um cálculo? Não. Ela permite fazer o cálculo. Se você previu o resultado é porque mentalmente você já fez o cálculo.

Aluno: Podemos fazer uma analogia entre a narrativa bíblica a respeito da torre de Babel e o projeto naturalista de encontrar princípios imutáveis na própria natureza, ou seja, chegar-se através do tijolo da matéria ao princípio?

Olavo: Certamente. É um projeto absolutamente utópico. Como você vai encontrar explicações puramente naturalísticas para os fenômenos da natureza senão pressupondo aquelas mesmas leis da natureza que você pretende encontrar no final? E em seguida passando a interpretar tudo em função dessas leis, como disse o Cornelius Hunter. Não é que os dados comprovavam o naturalismo. Não, eles eram lidos naturalisticamente. É um artifício retórico. Foi exatamente isso o que aconteceu.

Aluno: Sobre a função social da poesia, disse o poeta T. S. Eliot: "Agora, se devemos encontrar a essencial função social da poesia, temos de olhar antes para as suas mais óbvias funções, aquelas que deve desempenhar, se é que deve desempenhar alguma. Penso que a primeira de que podemos ter certeza é a de que a poesia deve proporcionar prazer. Se você perguntar qual tipo de prazer, só posso responder que é o tipo de prazer que a poesia proporciona, simplesmente porque qualquer outra resposta nos levaria à divagação sobre a estética e a questão geral da natureza da arte."

Olavo: Isso está fundamentalmente errado. Eu nem sei se isso foi realmente escrito por Eliot, ou se está dentro de um outro contexto. Santo Tomás de Aquino já explicava que o prazer é o efeito de uma ação completada, e este efeito não está na própria ação, o efeito é um resultado subjetivo que você obteve. Portanto, não tem como explicar a poesia pelo prazer que ela proporciona, porque para proporcionar prazer ela precisa fazer alguma coisa. E é esta coisa que a define, e não o prazer, evidentemente. Pelo prazer você não pode definir sequer o sexo. Você vai definir o sexo como uma forma de prazer? Mas como? Só dá prazer se você fizer determinadas coisas. Por exemplo, comer também é um prazer, mas você só terá prazer se de fato comer. A palavra prazer é a mesma nos dois casos, mas a atividade de comer é diferente da atividade do sexo. Então você não pode definir nem um e nem outro pelo prazer, porque o prazer está presente como um efeito que você obtém mediante várias atividades totalmente diferentes. E em que consistem essas atividades? Então é absolutamente inviável definir a poesia pelo prazer. Inclusive porque há formas de prazer muito mais intensas do que ler uma poesia. Por exemplo, para uma pessoa normal, você diz: aqui está um livro do T. S. Eliot e aqui uma mulher pelada. Em qual você vai prestar atenção primeiro?

Aluno: Tenho duas perguntas a respeito da última aula: 1) como saber se superamos o subjetivismo da adolescência e estamos aptos para ingressar na esfera da alta cultura?; 2) que dicas você daria para vencermos a etapa da integração social e aumentarmos a nossa inteligência nas relações sociais?

Olavo: Muito boas perguntas. Vamos responder a segunda que ela terá a resposta da primeira.

A primeira coisa é você reconhecer que quer a integração social, ou seja, ser sincero consigo mesmo. [Dizer]: "Eu estou fazendo certas coisas porque eu quero que certas pessoas me aprovem e gostem de mim." Na hora em que você sabe que quer que as pessoas gostem de você, já não vai confundir suas motivações, ou seja, aquilo que fizer para obter esse efeito será feito conscientemente com esse objetivo. E então você pode se colocar também, claramente, o problema de quais as condutas que você aceita ter para conquistar simpatia. Assim que aprender o conjunto de mecanismos para conquistar simpatia, você poderá também julgar o uso desses mecanismos em função de considerações mais altas. Por exemplo, uma coisa que conquista simpatia inevitavelmente é as pessoas perceberem que você está interessado nelas, fazer perguntas sobre elas, fazê-las falar sobre elas mesmas. Ninguém resiste a isso. Faça perguntas que estimulem as pessoas a falar sobre aquilo que elas querem falar. Isso é um mecanismo muito simples de conquistar simpatia, e ao mesmo tempo já tem um sentido moral embutido, porque você não pode fazer isso se não tiver um interesse genuíno pela pessoa. Então você verá o seguinte: primeiro **[2:00]** você quer conquistar simpatia; para conquistar simpatia, é preciso mostrar interesse pelas pessoas. Só que se você estiver interessado nelas só para conquistar simpatia, não está verdadeiramente interessado, o seu foco de atenção não são elas, mas você, então vai falhar. A prática disso o ensinará a ter interesse genuíno pelas pessoas. Ou seja, eu não preciso pensar na simpatia. Por quê? Porque ela está implícita, eu vou ter simpatia de qualquer maneira. Se eu estiver realmente interessado em ouvir a pessoa, ela vai simpatizar comigo mesmo que eu não esteja pensando nisso; então para que eu vou tentar conquistar simpatia, se a simpatia já vem embutida? Então o foco se desloca da conquista de simpatia para o interesse genuíno, e assim [acontece] em muitas outras coisas. Ou seja, vai havendo uma mudança do eixo da conduta, e então você vai ver que não vale a pena o esforço pela simpatia que você quer conquistar, porque ela é muito fácil.

Por exemplo, eu tenho uma teoria: não existe amor não correspondido. Eu digo isso e as pessoas às vezes não entendem. O seu amor é não correspondido

quando você está morrendo de dó de si mesmo porque aquela pessoa não lhe deu atenção. Então você está mortalmente apaixonado por si mesmo, está cuidando de si mesmo, e assim é claro que a mulher nem vai dar atenção a você. Mas se você tiver verdadeiro amor por ela, quiser o bem dela, quiser a felicidade dela e esquecer de si, ela vai amá-lo de qualquer jeito. É irresistível. Então o problema não é “como vou conquistar o amor da fulaninha?”, mas “como vou amá-la verdadeiramente?” Na hora em que você tiver isso... é irresistível; só se ela for uma pessoa totalmente pervertida e louca. Tem gente que é assim, tem duas ou três que são assim. Cuidado com essas. Aquela [que pensa]: “Ah, você tem amor por mim? Então você não presta, tem de apanhar.” Tem mulher que só judia do cara; quer dizer, quando maltrata é por (palavras inaudíveis) de que gosta dela; quanto mais sincero for o amor, mais ela vai maltratar. Essa, você dá um pontapé no traseiro e esquece, é uma pervertida. Mas, em geral, com pessoas normais o amor é sempre correspondido.

Às vezes pode não ser correspondido no mesmo nível que você quer por uma impossibilidade: a mulher está casada com seu fulano, e você está apaixonado por ela, o que você quer? Ela vai amar você, mas isso não quer dizer que ela vai para a cama com você. Então, trate de se acostumar: “Olha, nós vamos ter esse amor pelo resto de nossas vidas, mas não podemos chegar em certos finalmentes, isso não está certo.” Inclusive, você querer por toda lei conquistar a mulher nessa condição não é verdadeiro amor, porque você está querendo o mal dela. O amor é a atração, a paixão, o tesão junto com a verdadeira bondade e generosidade, e de tal maneira que uma coisa é indiscernível da outra: só aí você tem amor. Se houver dualismo, acabou, não funciona.

Então, por exemplo, você está apaixonado pela fulaninha. Tem certeza de que casar com você é a melhor coisa que ela pode fazer na vida? [Você pode afirmar:] “Não tem outro melhor para você do que eu!” Tem certeza disso? Se não tem certeza, com que direito você quer isso para a mulher, e ainda diz que é por amor? Você quer é ferrar com a vida dela. Agora, se você pensar: “Não, de fato, ela não vai ter um melhor do que eu, eu sou o melhor porque eu sou mais sincero, eu gosto realmente dela, eu sou isso, eu sou aquilo e ainda sou bonito, gostoso etc. etc. Então eu quero isso para ela porque eu quero que ela seja feliz.” Então você não vai ser tímido porque sabe que o que está oferecendo é bom. E se ela não quiser, então é uma cretina.

Através da cultura você vai esquecendo de si mesmo e passa a ter preocupações maiores que o abrangem e que resolvem aquelas primeiras: é

assim que faz a passagem. Então você sai do subjetivismo da adolescência na hora em que perceber que tem verdadeiro amor por uma pessoa, ou por várias pessoas, não só no domínio sexual, evidentemente. E note bem: se você tem verdadeiro amor e esse amor é rejeitado, você não se sente deprimido, não se sente diminuído, você fica é com dó da pessoa e diz: “Mas que cretina. Eu aqui oferecendo amor e ela não quer, ela quer se ferrar. Que se dane, não estou aqui para perder tempo com idiota.” Ou seja, à medida que a sua preocupação vai subindo, você vai perdendo aquele medo, aquele temor de não ser aceito, de não ser gostado. Ser gostado é a coisa mais fácil do mundo. Por que perder tanto tempo com essa besteira? Não precisa. Tenha um interesse genuíno, tenha um amor verdadeiro pelas pessoas, e elas vão gostar de você; e se não gostarem, aí você vai ter a certeza de que são idiotas. Em suma, aos poucos, você vai se extraindo do julgamento dos outros na medida em que adquire a certeza das suas intenções. Não é que você vai desprezar a opinião dos outros — a gente nunca deve desprezar a opinião do outro —, simplesmente você não precisa dela porque já sabe o que está fazendo. E eu acho que isso responde às duas perguntas.

Aluno: Quais artes marciais você praticou? (...)

Olavo: Só pratiquei duas. Eu pratiquei *kempo* com o João Brito durante um tempo e pratiquei depois o *tai-chi* com o Michel. Eu saí do *kempo* porque achei que estava ficando maluco; ele ensinava umas coisas esquisitíssimas. Ensinava a gente, por exemplo, a dormir numa corda esticada. Enquanto não conseguisse dormir, você caía, evidentemente. E na hora em que você puxava um ronquinho, acordava e ainda estava pendurado na corda, você aprendeu. Também nos colocava em círculo e dizia: “Agora vocês ficam correndo em círculo, corram, corram. Agora dê um passo na parede, e vai aumentando a velocidade; agora dois passos; agora três passos.” Quando chegava a dar cinco passos na parede, você falava: “Eu estou voando.” Então eu comecei a achar que estava com superpoderes, e falei: “Olha, eu não tenho capacidade para fazer esse negócio porque vou ficar maluco.” Tem gente que pode, faz aquelas coisas todas e ainda fica humilde, mas eu não, eu estou sendo corrompido por essa técnica, por isso larguei. Tenho a maior admiração pelo João Brito, é um grande amigo meu, eu o adoro, mas não vou treinar aquele negócio não.

O *tai-chi* eu pratiquei durante muito tempo e me fez muito bem. Lembro que durante todo o tempo que eu pratiquei aquilo, jamais tive um resfriado, jamais tive uma noite de insônia. E com aquele negócio da concentração na barriga, eu lembro que mais tarde, quando passei por certas situações extremamente

perigosas, enervantes, daquelas em que as pessoas caem e saem pedindo socorro, se não fosse o *tai-chi*, eu teria feito a mesma coisa. Mas eu ficava lá concentrado na barriga, podia cair o mundo à minha volta que eu não estava nem ligando. Aprendi muita coisa com aquilo. Só que eu acho — isso não é uma coisa certa que estou falando, mas uma impressão minha — que o *tai-chi* atrai problemas, quer dizer, você está como desafiando o diabo, e o diabo vem. Então todas essas coisas têm os seus perigos.

Aluno: (...) O que o senhor pensa da capoeira?

Olavo: Como luta não serve. Seu adversário jamais vai dar espaço suficiente para você fazer aquelas piruetas. Tem um vídeo maravilhoso na *internet*, é uma luta entre um sujeito com cara de brasileiro **[2:10]** e um outro, sei lá o que é, um alemão talvez, então o brasileiro entra e começa a fazer pirueta e mostrar o que pode, fica de cabeça para baixo, passa a perna; e na hora em que ele termina um daqueles movimentos, o outro vem, dá-lhe um soco, e ele desmaia. Olha, eu já vi esse vídeo não sei quantas vezes, e falei: “Eu nunca vou fazer isso, sair contando vantagem: eu sou, eu faço, eu aconteço, e dar piruetas e...” Mas é bonito de ver e deve ser bom para a saúde também. É um exercício, é uma dança. Mas, luta? De jeito nenhum.

Aluno: Quero aprender francês sozinho.

Olavo: Muito bem. O francês é bom para você aprender porque a gramática é parecida com a nossa até certo ponto. O primeiro livro que eu li em francês foi *Le Noeud de Vipère* (O Nó das Víboras), de François Mauriac. Sugiro esse mesmo livro porque é um livro que você não consegue largar, quer saber o que vai acontecer. O problema é que ele é tão atraente que você quer pular as palavras e ir para a página seguinte. Não faça isso, refreie o [impulso]. Se pular [alguma parte], vai perder o melhor; então leia linha por linha, e anote todas as palavras que você não conhece. Se você percebe: “Estou lendo essa palavra de novo, eu sabia, agora já esqueci”, [consulte] o dicionário novamente. Não diga: “Depois eu lembro”, [consulte] o dicionário vinte vezes, [se necessário]. Eu [consultava] vinte vezes: “De novo! Esqueci de novo a mesma palavra!”, ficava revoltado com a minha burrice, mas eu ia lá e anotava de novo, de novo e de novo. Quando terminei de ler o livro, eu sabia francês. Então você vai criando aquela intimidade profunda com o texto, eu acho que é a melhor maneira.

Aluno: Quanto dormir para acordar disposto para o estudo?

Olavo: O máximo que você puder. Quanto mais dormir, melhor para você. O Bruno Tolentino era assim: ele às vezes sentava para trabalhar, e trabalhava vinte horas direto, sem cansar, era impressionante, mas às vezes ele dormia dezesseis horas por dia. E esse foi o segredo de ele ter durado tanto depois de ficar doente, durou vinte anos. Eu acho que tudo deve ser feito no macio; se você acordou e está com vontade de continuar dormindo, durma. [Mas] vai chegar uma hora em que isso vai acabar. Se seguir mais ou menos a inclinação natural do corpo, você faz as coisas direitinho. Agora, não adianta fazer isso, se você ficar ao mesmo tempo com angústia, se cobrando: “Ah, eu tinha de fazer tal coisa, tal outra, tal outra.” Isso é inútil. O problema não [consiste em] quantas horas você vai dormir, o problema é o seguinte: quando for para dormir, é para dormir; quando for para estudar, é para estudar. Não pode ficar naquele meio a meio. Se bem que a tendência natural é ficar no meio a meio: quando você está deitado para dormir, você fica se cobrando que devia levantar para fazer tal coisa; quando está estudando, você está com vontade de dormir. Então você faz primeiro uma coisa, e depois faz outra. Quer dizer, não é o quanto, é isso aí, é esta separação; e [tem de] entender o seguinte: o tempo que você está ali dormindo, sonhando, não é tempo perdido. Às vezes um sonho é melhor do que ler dez livros.

Se você está sinceramente querendo chegar a conhecer as coisas, compreender melhor o mundo em que está, se você quer isso, é porque você determinou, é a sua natureza, é o seu coração que quer isso, ninguém está te cobrando nada. Eu também não estou cobrando. Eu não estou cobrando nada e não preciso cobrar porque eu sei o efeito que este curso vai ter em vocês, eu sei que vai funcionar, então eu não preciso ficar espremendo, eu sei que vocês vão chegar lá. Por isso que eu pedi, a única coisa que quero: fiquem cinco anos e vão fazendo o que eu mandar, só isso. Se cumprirem essas duas coisas, é claro que vai funcionar. Eu acho que se medir o seu QI antes deste curso e depois, você verá a diferença que vai fazer. Então vai fazendo não pelo esforço, pela prática, mas pela audição sincera. É sinceridade o que interessa, não é esforço. Na verdade, sinceridade pode ser até um esforço, mas eu sempre lembro — o Schuon que dizia isso — do problema de motivação: “Se tem um touro correndo atrás de você para chifrá-lo, você não precisa de motivação para sair correndo, precisa?” Então, na verdade, se trata de você reagir de acordo com a situação real.

Aluno: Uma vez observei o Gugu ao longo de um dia inteiro de aula: ele tomou café de manhã, no início da aula, até ir embora da mesa de bar após a aula, não comeu senão meia dúzia de batatinhas fritas no começo, pinçadas do prato alheio. Disse que se almoçasse mesmo, seu rendimento cairia consideravelmente. Como você harmoniza a alimentação?

Olavo: Isso aí é cada um, cada um. Eu nunca tive o menor critério para essa coisa, tem dia em que eu passo o dia inteiro sem comer, e não tenho fome; e tem dia em que eu penso em comida o dia inteiro. A vida é assim. De fato não há um ritmo, quer dizer, a chave do negócio é o interesse sincero: você só vai fazer aquilo que tem interesse sincero em fazer, então diga para você o que realmente quer fazer. Se está fazendo uma coisa e está querendo fazer outra, faça a outra logo. Esse é o velho ditado latino *age quod agis*: "Faça aquilo que você está fazendo". Se não consegue prestar atenção naquilo, está pensando em outra coisa, faça a outra coisa. Concentração é isso. Concentração quer dizer: não dividir sua energia. E o que determina o fluxo da nossa energia não são as nossas intenções conscientes ou o dever que nós achamos [que temos], é o interesse real — a imaginação segue o desejo, e a ação segue a imaginação. Não adianta forçar muito. Eu quero que vocês desenvolvam o interesse pela alta cultura e que a busquem. Precisa se esforçar para fazer isso? Não. Siga essas aulas e você vai ver que o seu desejo de alta cultura vai ficar verdadeiramente obsessivo. É só ouvir o que estou dizendo e isso vai funcionar, portanto não precisa forçar de maneira alguma. Agora, se depois de ouvir tudo o que estou falando, você ainda não estiver interessado, então é porque você é uma besta quadrada mesmo, não tem jeito, e nada se pode fazer com você. Mas isso não vai acontecer com nenhum de vocês.

Aluno: Gostaria de conhecer a sua opinião a respeito da escritora e filósofa Ayn Rand. Parabéns pelo seu trabalho.

Olavo: A Ayn Rand é uma excelente romancista, escreveu páginas enormemente poderosas, mas o problema é que ela se achava muito mais genial do que era, e achava até que era uma filósofa. O que ela chama de "a ética do egoísmo" não é uma filosofia, não é uma ética de maneira alguma: é um sistema de auto-ajuda para capitalistas culpados. Se você conhece algum daqueles capitalistas que sente o tempo todo que está explorando o proletariado, que está fazendo algum mal; e cada vez que o PT chega fazendo chantagem, ele dá um monte de dinheiro, dê-lhe os livros da Ayn Rand porque vão curá-lo, ensinando que a preocupação altruística dele está completamente fora do lugar, ela na verdade é maligna; e que aquilo que ele chamaria de seu

egoísmo, é na realidade o que o torna verdadeiramente produtivo. Para algumas pessoas isso funciona de uma maneira incrível; para outras, não. Isso foi feito para um determinado público, então é um sistema de auto-ajuda para capitalistas culpados. Se você não é um capitalista e não está se sentindo culpado, esqueça Ayn Rand. **[2:20]**

Em primeiro lugar, a noção básica que ela usa de egoísmo e altruísmo: egoísmo e altruísmo não são conceitos filosoficamente válidos, porque não são distinções reais. Em qualquer ação humana é praticamente impossível você separar uma coisa da outra, porque é uma questão de ponto de vista. O problema não é o que nós chamamos de egoísmo — eu querer coisas boas para mim mesmo —, o problema é quando eu não gosto de ninguém. Por exemplo, se o sujeito quer dar uma boa situação para a sua família e, em função disso, ele não liga para mais ninguém, você pode dizer que ele é egoísta? Agora, e se ele não quiser nem o bem da família dele, ele quer só o bem dele próprio exclusivamente? Eu falo: “E como é possível isso?” O sujeito vai ficar sozinho, não quer compartilhar nada com ninguém, então ele nem pode fazer sexo. Por quê? Porque fazer sexo pode beneficiar a mulher, mas ele não quer isso e fala: “Eu não quero dar prazer para ela, tem de ser só para mim.” Essa é uma situação extrema, impensável e burra. Portanto, nenhuma ação humana pode ser explicada inteiramente em função de egoísmo e altruísmo, os dois elementos existem de maneira misturada, porque eles não são coisas substantivas, mas pontos de vista pelos quais você julga a ação. Então o simples fato de ela não conseguir fazer essa distinção, de ela entender o egoísmo substantivamente, mostra que tem um treino filosófico deficiente.

Aluno: Lembro que em uma das aulas o senhor mencionou que o exercício do necrológio nos ajudaria a encontrar o propósito no que somos e fazemos, e que deveremos com o tempo ser mais específicos a ponto de sabermos o nosso propósito naquele ano, ou até mesmo naquele dia e momento. Sinto que ao aprofundar o necrológio fica difícil colocar tantos detalhes, pois o formato não permite. (...)

Olavo: Não, faça outro necrológio. Não vá acrescentando um monte de coisas: faça outro, e outro, e outro, sempre tentando ser sintético. Esqueça aquele e faça outro. Pode até guardar a coleção, [assim] vai ver como com o tempo você foi esclarecendo para si mesmo os seus valores, os seus critérios, os seus objetivos. Uma vez eu consultei uma *coach*. *Coach* é uma pessoa que guia você no exercício da sua profissão, dá umas dicas etc. etc. E tem uma senhora, uma judia brasileira que mora aqui na Flórida há muito tempo, e eu tive umas

consultas com ela, e ela disse: “Em primeiro lugar, você tem de fazer um *statement of purpose*; uma afirmação de quais são os seus objetivos, o que você quer.” Eu falei: “Ora, é isso mesmo, eu nunca tinha feito isso.” Quer dizer, o que eu estou querendo, por exemplo, com tudo isso que estou fazendo aqui: “Aonde você quer chegar, qual é o seu objetivo?” Redigir aquele *statement of purpose* esclareceu muita coisa para mim. Eu jamais serei suficientemente grato a esta senhora por ter me dado essa dica, mesmo que ela me tivesse dado só essa dica, porque ela me deu várias. Ela disse: “Redija um negócio — *statement of purpose* — que você não vai publicar, mas que pudesse até ser publicado, e assuma.” De tempos em tempos você pode rever o seu *statement of purpose*, a sua afirmação de objetivos. É um exercício como o necrológio, mas não façam ainda, fiquem no necrológio, mais tarde eu vou pedir um.

Aluno: O senhor já citou algumas vezes o título de um livro em que o autor relata as experiências que levaram Platão a perceber o mundo das idéias. Você poderia, por favor, repetir essa informação?

Olavo: O nome do autor é Paul Friedländer, e o livro chama-se simplesmente *Platão* (*Plato*). Eu acho que existe uma edição por aquela série Bollingen (Bollingen Series). Eu acho que é a única edição que existe. Mas este livro nós vamos traduzir e lançar de qualquer maneira, é um livro indispensável. Então não tenha pressa porque logo, logo, nós começaremos a lançar livros, vamos lançar por assinatura e são vocês que vão possibilitar isso. Eu vou pedir a assinatura antecipada para a gente garantir que certo número de exemplares seja necessariamente vendido, para poder garantir a tiragem. E um dos que estão na lista é certamente o do Paul Friedländer. Não saiam por aí contando para ninguém.

Aluno: O Narciso Irala recomenda que se durma de cinco a sete horas por dia porque isso permite os sonhos, ao mesmo tempo que permite o descanso adequado ao aproveitamento máximo do dia. O senhor acha que isso é mais adequado para quem tem obrigações civis, emprego etc.?

Olavo: Olha, eu acho bom dormir bastante. Eu mesmo não durmo tanto quanto desejaria. Mas não durmo por quê? Porque é impossível para mim: as pessoas querem que eu trabalhe. Mas se pudesse, eu até dormiria mais. Agora, antes de dormir, você reza, peça a Deus que lhe dê um sono profundo, com sonhos que façam bem; mesmo que você não lembre do sonho, mas que lhe faça bem.

E outra coisa: 99% da esterilidade intelectual e prática vêm do fato de que as pessoas não dão atenção suficiente ao seu próprio mundo interior, ao seu próprio mundo de imaginações, de sonhos, de desejos; elas desprezam isso. Mas isso é você mesmo; o seu mundo interior, o seu imaginário, isso é você mesmo, é o conjunto dos recursos que você tem, são as suas forças. Se você não presta atenção nisso, se não alimenta isso, as suas ações não vão dar certo. Por quê? Porque o agente está fraco. Se você só presta atenção no que tem de fazer, no apelo do mundo exterior, e não dá atenção a isso, você está fortalecendo o mundo exterior e se enfraquecendo a si mesmo. Por exemplo, sonhos, devaneios, as pessoas acham: “Ah, não pode ficar ocioso fazendo essas coisas.” Como não? Devanear, pensar as coisas de que gosta, as coisas que você acha bonito, lembrar de lugares bonitos em que você esteve, pessoas bonitas que conheceu, coisas bonitas que você quer fazer. Isso é absolutamente fundamental, isso é o seu mundo. Então, por favor, respeite-se um pouquinho. Dê uma atenção a isso. E isso vai mostrando para você aos poucos quem você realmente é, o que realmente quer. É absolutamente fundamental. Tanto é necessário que, quando dorme, você sonha. Ou seja, se você não quis prestar atenção no seu mundo interior de dia, vai ter de prestar atenção à noite. Mas de dia também pode um pouquinho.

Às vezes há certas imagens recorrentes. Por exemplo, eu tenho certos lugares imaginários, sempre tive. Não sei se esses lugares existem. E eu lembro que às vezes olhava uma certa paisagem, não era uma paisagem, era um jardim muito arrumado e não sei porque eu associei aquilo com a Finlândia. Até hoje não sei de onde veio isso. E um dia, depois de fazer isso [durante] muitos anos, eu falei: “Deixa eu procurar os jardins na Finlândia.” E não é que era parecido?! Não sei de onde eu tirei isso.

Eu me lembro que, quando era pequeno, meu irmão ganhou do meu pai uma série de livros que tinha fotografias das principais capitais da Europa. Eram fotografias em preto-e-branco, mas muito bem feitas, uns livrinhos pequenininhos. E a gente passava o dia inteiro olhando aquelas coisas, eram lugares lindos, lindos. Aquela coisa até hoje alimenta a minha imaginação. Então o primeiro efeito que teve foi olhar aquilo, depois olhar em volta e perceber que tem alguma coisa errada no ambiente físico onde a gente estava: **[2:30]** “Não é possível que a vida seja só isso.” Quando eu me mudei para os Estados Unidos e vi, por exemplo, como a arquitetura das pequenas cidades é tão harmônica, tão bem feitinha, simplezinha, humilde, mas muito bonitinha, eu falei: “Olha, isso aqui é fundamental”; se as pessoas no Brasil se preocupassem um pouco mais com beleza e menos com dinheiro, elas teriam mais dinheiro. Por quê? A beleza as tornará mais fortes. E se elas estiverem

mais fortes, mais capacitadas, mais harmônicas, elas vão produzir as coisas melhor. Na “cultura” brasileira existe um desprezo pela beleza. “Beleza não se põe na mesa”, já ouviram esse ditado? Tudo quanto é vó falou esta besteira algum dia; vó, tia, mãe, pai. Esqueça isso. A beleza é alimento da alma. E, sobretudo, a beleza que você imagina. Isso é muito mais importante do que a praticidade exterior, pois com a praticidade exterior você está gastando energia para obter um resultado exterior. E de onde você vai tirar energia? A energia vem da motivação, motivação vem do desejo, e o desejo aparece da imaginação. É daquilo que imagina que você cria os pólos de desejo, e então vai em busca daquilo. Trate de imaginar as coisas; imaginá-las bem, com clareza, com nitidez. Isso é muito importante. Por exemplo, um gesto: você vai pegar uma coisa. Imagine o gesto antes de fazê-lo e você vai ver como ele sai melhor, mais direto, mais elegante. Tudo que vem primeiro no imaginário, sai melhor depois. Então se for preciso dormir nove, dez horas por dia, durma. Tem gente que com menos, resolve.

Aluno: O que o senhor recomenda de literatura italiana?

Olavo: Meu Deus do Céu! É tanta coisa. A literatura italiana, para mim, são dois nomes, primeiramente: Dante e Manzoni. Mas é uma literatura tão imensamente rica que você pode se alimentar dela pelo resto da vida. Vamos dizer: só Dante, é para você ler, reler [muitas vezes]; volta a ele, imagina, trabalha em cima. Pode tentar traduzir alguns trechos. Eu fiz uma tradução do canto I da *Divina Comédia*. Fez-me um bem desgraçado aquilo. E desses dois não dá para escapar. A filosofia italiana também é muito rica.

Aluno: Ela pode ser usada da mesma forma que a francesa?

Olavo: Certamente. Só que a grafia das palavras italianas, eu acho mais complicada do que a das francesas; você reconhece mais facilmente uma palavra em francês do que em italiano. É uma impressão que eu tenho.

Aluno: O texto de Elliot se encontra em “Essência da Poesia”, tradução de “On Poetry and Poets” (1957).

Olavo: Eu devo ter lido, li muita coisa do Elliot antigamente. Mas é preciso ver o contexto em que ele disse isso. Talvez ele tenha dito isso para se opor a certas intelectualizações excessivas da discussão da poesia. Mas não compreenda isso como um conceito rigoroso de jeito nenhum; é uma figura de linguagem. Como conceito rigoroso é absolutamente inviável. Eu vou reler isso de qualquer maneira.

Aluno: O que quer dizer exatamente a figura de linguagem: "Não devemos nos preocupar com o destino, mas curtir a viagem", à luz do que o senhor explicou sobre o prazer e o nosso caminho nesse curso?

Olavo: É claro que o destino faz parte da viagem: se você estiver simplesmente andando de um lugar para outro, você não pode dizer que é uma viagem. Se não está indo a parte alguma... Sempre existe um objetivo, por quê? Porque você sabe que vai morrer. "Ah, nós temos apenas de curtir cada momento", preste atenção nesta frase, ela não faz sentido. Primeiro, porque não existem momentos atomísticos; um momento é uma coisa que está no fluxo e está indo. Se está indo, está indo para algum lugar. Então a noção de objetivo chama-se, no fim das contas, Juízo Final. Ou seja: quem você será perante Deus? Qual será a sua forma final? A gente sempre está pensando nisso.

Quanto à idéia de "curtir o momento", é claro que é uma coisa que só pode ter surgido na cultura do Ocidente a partir dessa ruptura dualística em que você começa a tomar conceitos abstratos como se fossem coisas reais. "Momento" é um conceito totalmente abstrato. E outra coisa: um "momento" se compõe de vários momentos diferentes, por quê? Porque você vive simultaneamente em várias linhas de tempo. Por exemplo, um[a linha] é o tempo da percepção sensível imediata, que é toda intermitente, toda cortadinha; acaba um[a] já vem outra, outra, outra, outra... Mas você não vai dizer que o seu tempo biográfico é esse, e que o tempo da sua existência social, econômica etc. também é o mesmo. São linhas diferentes de tempo. E a cada momento você tem todas elas. Então esse negócio de momento atomístico não existe. Nós sabemos que podemos pensar as coisas assim, mas nós não podemos fazer com que elas sejam assim. Então a vida humana tem uma estrutura muito nítida: ela está indo para algum lugar. Todo mundo quer algo, até a criança. Se você for pensar apenas no momento, então não vai sair do lugar. Porque momento é a sua ação que já está presente. E não tem uma ação seguinte? Se não tem uma ação seguinte, então não tem o passo seguinte também. Isso é uma coisa abstratista, cria-se um fetiche abstratista que hipnotiza as pessoas. Conhece aquela série de filmes de artes marciais (Kung Fu) em que o sujeito

era o gafanhoto? “Gafanhoto, o seu problema é que você está sempre pensando no futuro, e nunca está no presente.” Isso é uma estupidez. Aquele chinês era um cretino. Pára com isso. Isso é pseudocultura oriental da braba.

Aluno: Em suas aulas o senhor fala com certa freqüência sobre o hábito de certas pessoas serem meras repetidoras de frases sem sequer saber do que estão falando. Dentro desse contexto, o que o senhor pensa sobre o novo meio de comunicação da internet chamado Twitter, no qual apenas frases com um número limitado de palavras podem ser postadas por uma pessoa?

Olavo: Bom, são aquelas frases de sabedoria que as meninas escreviam nos diários. Quando eu era moleque, as meninas tinham essa mania de diário, e você tinha de escrever frases de sabedoria, geralmente de Saint-Exupéry. Essas frases são vocês que vão ter de preencher de conteúdo; elas podem ser grandes coisas ou podem não ser nada. E vocês podem fazer com uma dessas o mesmo exercício que eu falei que fizessem com os livros: peguem a frase e se impregnem dela. Vamos supor que as coisas sejam exatamente assim, e você deixa que as várias camadas de significado daquilo apareçam. Inclusive aquelas que são contraditórias entre si. E na hora em que você tem um número suficiente de pólos de tensão, então você começou a entender aquela frase. Já não é mais um discurso vazio ou uma mera repetição. Não é o fato de a frase ser curta ou comprida que vai determinar isso, é o que você entende dela. Eu estou dizendo: existem frases nas quais eu penso há trinta e cinco anos. Essa do “transforma-se o amador na coisa amada”, por exemplo, é uma. **[2:40]**

Aluno: Para ser verdadeiramente uma religião tem que ser necessariamente uma alta cultura?

Olavo: Não, mas tem de haver uma alta cultura. Se não há, você tem de adquiri-la pessoalmente, o que é exatamente a situação do Brasil. Na verdade, é a situação do mundo, porque, como diz o Eric Voegelin, a principal característica do homem contemporâneo é a sua ignorância. Acho que nunca houve uma época em que as pessoas pensassem tanta besteira, e se acreditassem tão sábias. Em qualquer discussão pública, praticamente todas as que eu vejo, a ignorância das bases mais elementares do assunto é a coisa mais constante. É um negócio impressionante, impressionante.

Quando comecei a examinar esse material para o *Imbecil Coletivo* — mesmo depois de ter escrito *O Imbecil Coletivo* —, eu não imaginava o tamanho da estupidez contemporânea. Hoje eu começo a perceber que é uma coisa satânica mesmo. Se não acreditasse em diabo naquela época, eu teria passado a acreditar, pois não é possível que o ser humano, por si mesmo, consiga ser tão imbecil, tão falso, tão hipócrita, a ponto de o tempo todo tentar mostrar conhecimentos que não tem, tentar opinar sobre coisas que, sobretudo, não lhe interessam. Porque se eu chego a ter uma opinião sobre um assunto, eu parto do princípio de que tenho um interesse naquilo. E se tenho interesse, eu vou buscar informação. Não é natural isso? Por exemplo: quando era moleque eu costumava caçar. Depois, passado um tempo, não pude mais caçar. Mas eu tenho interesse por aquilo. Então, o que faço? Eu fico lendo livros de caçada, olho *site* de caçada... Nunca mais pude caçar. Não dá tempo. Precisa de tempo e dinheiro, e me faltam as duas coisas. Mas pelo menos imaginativamente eu estou lá, pensando. Então tudo sobre o que você tem interesse, você busca informação, você busca se preencher daquilo, você quer ter constantemente aquilo diante dos olhos.

Agora, se o sujeito não prestou cinco minutos de atenção no assunto, por que ele tem de ter uma opinião? É uma doença, evidentemente. Quer dizer, o indivíduo está se colocando a si mesmo infinitamente acima do assunto; ele não está falando do assunto, ele está falando dele mesmo. Então, por definição, ele é um chato e, por definição, nele não há nada para prestar atenção, é um sujeito oco, completamente.

Ter interesse em um assunto é vivenciar suas complexidades e tensões internas. Isso dá muito trabalho, e na hora em que você começa a ter domínio disso, então começa a ter um conhecimento verdadeiro da coisa. O conhecimento verdadeiro não consiste em dar conclusões, mas consiste em você conseguir montar o problema, em equacionar o problema. Muitas vezes sem poder resolvê-lo. E quem não tem idéia da dramaticidade de um assunto não deveria abrir a boca sobre ele. O que quer que o sujeito diga, a favor ou contra, será besteira, sempre besteira. Então quando eu vejo que as pessoas têm uma opinião definitiva e elas não se fizeram nem sequer a primeira pergunta a respeito... Por exemplo, o pessoal fica falando do casamento gay. Ora, a primeira pergunta que me ocorreu foi a seguinte: o casamento implica uma diferenciação de papéis sexuais, que portanto implica uma diferença de direitos e deveres. Qual é a definição disso no casamento gay? Não é a primeira dificuldade que surge? Quer dizer, quem é o marido e quem é a mulher? Ou, de outra forma, quem come quem? Tem gente que está falando de casamento gay há dez anos e não fez sequer esta pergunta. Está falando de

uma palavra, e esta palavra representa um valor e um símbolo que ele quer impor independentemente da substancialidade da coisa da qual está falando.

Do mesmo modo as pessoas falam de direitos humanos. Mas tem aquela famosa observação de Simone Weil segundo a qual o direito de um é uma obrigação para com o outro. Eu só tenho direito se alguém tiver uma obrigação para comigo. Se você aumenta formidavelmente o número de direitos, está aumentando formidavelmente o número de obrigações, e isso pode ser uma coisa terrivelmente opressiva. Para mim, é uma coisa óbvia. Então, se não existe uma limitação dos direitos, isso significa que o poder crescerá ilimitadamente. É uma observação tão simples. Mas tem gente que acha que o progresso da humanidade consiste em proclamar mais direitos, e raciocina a partir disso, mecanicamente. Ou seja: não se fala da substância da vida social real; fala-se de um símbolo que só existe na cabeça [de quem defende o tal progresso da humanidade]. O fato, por exemplo, de que cada vez mais dimensões da vida humana deixem de ser resolvidas na esfera da pura espontaneidade social e se tornem objeto de legislação, muita gente considera que isso é uma maravilha, um progresso. Mas o que acontece é o seguinte: não há limite para a expansão da legislação. E sempre que você cria uma lei a mais, cria [também] uma delegacia especializada, um tribunal especializado, um imposto para pagar a manutenção desses funcionários especializados. Portanto, é uma coisa que vai ficando cada vez mais pesada e mais opressiva. A mim isso parece evidente, porque se não há o *enforcement*, como eles dizem aqui, se não tem como forçar a aplicação da lei, ela não existe. Para forçar a aplicação é preciso ter um sujeito armado para fazer isso, e isso custa dinheiro. Alguém tem de pagar por essa coisa. Ou seja, cada vez nós estamos pagando mais para as pessoas nos oprimirem mais, em nome dos nossos direitos. Por exemplo, eu tenho direito a um dinheiro da minha aposentadoria e nunca fui receber. Então as pessoas falam: “Como?! Você tem direito.” E eu respondo: “Não, não me fale em direitos. Eu não quero, não quero. Morro de medo de direitos.”

Aluno: Filmes são bons para aumentar o imaginário?

Olavo: São enormemente bons. O que é o cinema? É um teatro sem as limitações físicas do teatro. Não é nada mais do que isso. É um teatro transportável.

Aluno: O senhor poderia dar uma lista de filmes importantes para isso?

Olavo: Essa lista poderia não acabar mais, até filme ruim serve para isso. Não precisa ser filme bom. Minha mulher às vezes até fica brava comigo por causa do número de porcaria que eu assisto. Uma vez eu estava assistindo a um filme que era assim: uma família que estava na África e de repente a casa ficou cercada por leões. E do começo até o fim do filme, eles só fizeram idiotice. Os leões eram milhões de vezes mais inteligentes do que eles. Tem o filme do urso: uns caras atropelam o ursinho, a mãe do ursinho sai, e no fim ela comeu todos. Eu achei ótimo. Os cara eram tão cretinos, tão cretinos, que eu estava torcendo para a ursa. Até isso pode ajudar. No mínimo, no mínimo, você terá ali uma visão imaginativa correta da estupidez humana, não só do personagem, mas também do diretor do filme. Eu só achei ruim isso no filme: a ursa não comeu o diretor do filme. Os personagens ela comeu todos.

Existe uma série de filmes que eu recomendo. É a série do Inspetor Maigret, feito na TV Suiça, com um ator chamado Bruno Crémer. Eu tinha lido os romances do Simenon antigamente, e quando a gente vê aquilo no cinema e vê que os caras fizeram igualzinho, e com uma exatidão incrível, e um ator sensibilíssimo, aquilo faz muito bem para a cabeça. **[2:50]** Mesmo porque, vem a calhar aqui pois o Inspetor Maigret foi inventado pelo Simenon como uma espécie de avesso do Sherlock Holmes. Este vai sempre pela ciência, pela dedução, essa coisa toda, e o Maigret vai só pela imaginação. Ele sente o drama dos personagens, ele se apega de fato aos indivíduos, quer compreendê-los e acaba tendo as intuições certas sempre mais ou menos por uma espécie de impregnação psicológica. Eu uso muito os métodos do Inspetor Maigret. Esse método de leitura que eu dou é do Inspetor Maigret: você se deixa impregnar pela coisa, e a solução acaba aparecendo sozinha.

Aluno: Professor, concordo com a importância da beleza, mas acredito que o que falta realmente nos brasileiros é a preocupação e a atenção para com o capricho; capricho em cada pequena coisa que a gente faz; capricho nos detalhes das coisas que se faz pessoal, profissional e socialmente. Há uma tendência nefasta para o "assim já está bom".

Olavo: Sim, mas essa tendência surge exatamente da idéia de que "beleza não se põe na mesa", de que não precisa ser bem feito. O meu amigo Jerônimo Moscardo dizia aos seus subordinados: "Você tem de fazer isso aqui rápido e mal feito!" Se ele pedisse bem feito ia demorar três anos. "Faz rápido e mal feito", mas era gozação, evidentemente.

Aluno: Creio que somente a alta cultura pode valorizar adequadamente a importância da beleza. Como fazer para que essa preocupação se dissemine?

Olavo: Como disseminar eu não sei, o que sei é que ela tem de se impregnar em nós. Por exemplo, uma preocupação extrema que vocês devem ter quando escreverem é a da precisão vocabular, ou seja: encontrar o termo próprio que diga aquilo que você quer dizer, e não uma coisa parecida. Essa é uma regra universal da escrita: você deve preferir o termo próprio ao termo genérico. Isso faz com que sua escrita se aproxime mais do seu imaginário do que do abstratismo lógico. Como é que você faz isso? Lendo de novo os escritores: você lê e relê a mesma frase, então a examina e se pergunta: como é que o sujeito fez isso? Por que ele escolheu essa palavra e não uma outra? Mas primeiro tem de se deixar impregnar sem nenhuma análise crítica. Depois você pode pensar a coisa tecnicamente: por que ele usou esta palavra e não outra? E com isso você vai desenvolvendo o senso do termo próprio. O termo próprio é um desses detalhes de acabamento.

Mas isso que você observou é uma coisa incrível mesmo. Por exemplo, as casas aqui nos EUA. Como as coisas são bem feitas, nos mais mínimos detalhes. Os caras pensam em tudo, tudo, tudo. A técnica de construção dos fulanos aqui é uma verdadeira maravilha. Isso, não para fazer grandes casas, mas para fazer qualquer casa simples de um *redneck.*

Olavo: Então voltando aqui:

Aluno: Pode-se ter verdadeiramente uma religião sem ter necessariamente uma alta cultura?

Olavo: Vou voltar a essa pergunta. Não é necessário que todas as pessoas tenham alta cultura pessoalmente, mas ela tem de estar presente, porque é ela a chave interpretadora de tudo, e é a ela que você recorre em última instância em caso de dúvida.

Mas no Brasil a alta cultura se tornou algo como um *hobby* especializado para certas pessoas; *hobby* que não serve para nada; é um enfeite que elas põem em suas vidas. Assim realmente não dá. Quer dizer que se todas as discussões

podem ser decididas sem conhecimento do assunto, e o conhecimento do assunto vira apenas um *hobby* especializado, então quer dizer que tudo será feito errado. É o que, de fato, se faz no Brasil. A alienação das pessoas em relação aos assuntos dos quais elas mesmas estão falando... Acompanhem as discussões no parlamento, é uma coisa horrível: elas nem sequer chegam a tocar no assunto, estão sempre longe. E não percebem que é assim. Então, claro que nós não podemos dar a alta cultura a todos esses indivíduos, mas se ela existir na sociedade, se tiver uma presença, ela é sempre a instância julgadora última.

Aluno: Nesse sentido não há uma pobreza espiritual que domina quase todas as correntes cristãs no Brasil?

Olavo: Certamente. Nem fale da Católica, porque a Católica já virou outra coisa. Eles já não estão nem tentando mais ser católicos. Mas essas correntes protestantes que surgem, muitas vezes você percebe que são pessoas boas, bem intencionadas, estão dando o melhor de si, mas a compreensão delas da linguagem é pobre; a imaginação que elas têm da vida humana é demasiado esquemática e isso pode fazer com que elas mesmas se tornem incompreensíveis a outras pessoas também.

Aluno: Tem uma pergunta geral: Olavo, muita gente não está conseguindo rever as aulas, pois só tem tempo nos fins de semana, e como o curso não está sendo mais de 15 em 15 dias, o pessoal está pirando. Você poderia dar uma semana de folga, por favor?

Olavo: Eles querem uma semana de folga?

Aluno: É geral, ou é uma pessoa?

Aluno: É geral. Várias pessoas estão...

Olavo: Pode, claro. Podemos sem problema nenhum. Estão achando que o ritmo de uma aula por semana está sendo muito rápido para algumas pessoas

que não conseguem ouvir de novo a gravação. Muito bem! Nós podemos desacelerar um pouco; não custa nada.

Aluno: Pelo chat está havendo protesto.

Olavo: Tem outras pessoas dizendo “não”. Então quer saber: eu também acho que não. Só vai parar a aula se for uma impossibilidade absoluta da minha presença. Se eu não puder vir, então, evidentemente, não posso dar aula.

Aluno: Até porque cada um pode seguir o curso no seu próprio ritmo.

Olavo: Claro, cada um pode seguir o curso no seu próprio ritmo. Você pode ouvir atrasado, não há nenhum problema. Ninguém está apertando você para isso. Se estiver ouvindo agora a gravação da primeira aula, tudo bem, não tem nenhum problema.

Aluno: Qual é o nome do diretor do filme?

Olavo: Não sei qual é o nome do diretor. São vários diretores. O ator chama-se Bruno Crémer. São vários diretores. Mas, são quarenta filmes e eu só vi um que baixava o nível um pouquinho. Outra série maravilhosa é a série do Sherlock Holmes da BBC, com Jeremy Brett. Este foi o maior Sherlock Holmes de toda a história do cinema. É impressionante. Você nunca mais vai esquecer. A reconstituição de época que eles fazem é maravilhosa. E a escolha de cada ator, para cada personagem, que é fundamental... Hoje se esqueceu isso no cinema. As pessoas não sabem mais escolher os atores. Hoje em dia sistematicamente eles escolhem atores que parecem mais jovens do que os seus personagens: um ator para representar um pai de família, parece que tem 17 anos. É incompreensível. Mas nessa série é impressionante: o figurante mais fugaz é escolhido [de uma maneira] que parece ter nascido para aquilo. É impressionante. E o Jeremy Brett então, dá um show de interpretação, porque o Sherlock Holmes é uma mistura: ele é extremamente racional, mas ele é um pouco louco também. E ele dá exatamente essa medida. Eu gosto de recomendar essa série porque não é um filme só. Você vai se divertir muito.

Aluno: Uma pergunta a respeito do exercício de imitação dos clássicos: é possível fazê-lo com a criação de textos retóricos, ou nesta fase do curso devemos nos limitar à criação de textos de ficção?

Olavo: Não, ao contrário. Os textos retóricos são até preferíveis, de certa maneira, porque eles são de interesse geral para todos os alunos, ao passo que nem todos nós temos vocação, ou jeito para ficção, mas o texto retórico todos nós vamos ter de dominar.

Aluno: Pergunto isso porque diariamente escrevo mais de uma dezena de textos retóricos dirigidos a juízes de direito e ainda não encontrei a sintonia entre uma espécie de discurso e outra. É necessário também nestes exercícios seguir gradativamente a seqüência dos quatro discursos?

Olavo: Não, de maneira alguma. Você tem de aprender a escrever com os grandes expositores retóricos. O que é uma exposição retórica? É aquela na qual você não visa uma prova final do que está falando, mas visa apenas tornar aquilo sugestivo e verossímil. Em geral os escritos dos grandes críticos literários são assim: o Sainte-Beuve, o Matthew Arnold, F. R. Leavis, o Kenneth Burke, tem um monte.

Aluno: Estão pedindo para repetir a indicação dos filmes do Sherlock Holmes.

Olavo: Estão pedindo para repetir a indicação dos filmes do Sherlock Holmes. É uma série feita pela BBC, já há anos atrás, com o ator Jeremy Brett. Se você acessar o *eBay* e digitar “Jeremy Brett” na parte de “DVDs & movies”, vai aparecer a série do Sherlock Holmes. É uma verdadeira maravilha. Acho que em televisão nunca se fez nada melhor do que isso.

Aluno: Desde logo desejo dizer que a aula dedicada ao problema da verdade proporcionou, ao menos a mim, uma unidade bem mais tensa de tudo o que vinha sendo anteriormente ensinado, mormente quanto às questões da confissão, do eu ideal — a partir do qual nos julgaremos — e do conhecimento por presença, a qual, penso, agora talvez possamos dizer que pressupõe uma prática habitual e automática no sentido de respirarmos automaticamente dessa sinceridade que nos diferencia realidades. (...)

Olavo: Perfeitamente exato.

Aluno: (...) Queria apenas expor um parágrafo que me trouxe dúvidas: em uma de suas questões disputadas, São Tomás de Aquino parte da suposição, tomada de Aristóteles e Agostinho, de que aquilo que existe — o ente — é completamente coincidente com aquilo que é verdadeiro. Aquilo que é, e que não poderia não ser. Essa coincidência, aliás, dar-se-ia tanto em realidade, quanto em conceito, já que o ente participaria da verdade, e aquele nem esta, poderiam ser pensados excluindo-se um do outro. Pois bem, em uma aula anterior o senhor disse algo que muito me intrigou. Suas palavras foram mais ou menos assim: aceitar a realidade da realidade nos permite alcançar o análogo metafísico daquilo que é a confissão na ordem moral. O senhor não estaria então se referindo à mesma coisa a que se refere São Tomás de Aquino? (...)

Olavo: Exatamente a mesmíssima coisa.

Aluno: (...) Quando ele fala da co-essencialidade entre verdade e ente?

Olavo: Perfeitamente. Porque quando Aristóteles diz que a verdade só existe no juízo, ele está dando um critério de reconhecimento. Mas na apostila *O Problema da Verdade e a Verdade do Problema*, eu explico que não pode ser só isso. E quando os escolásticos dizem que a verdade é a coincidência entre o juízo e a realidade, para que essa coexistência possa acontecer é necessário que a própria emissão do juízo também seja verdadeira. Então, é necessário haver um campo de veracidade dentro do qual tudo isso acontece. Então a verdade não pode ser só uma qualidade do juízo. Ela tem de ser necessariamente uma qualidade do ente e esta qualidade do ente abrange a qualidade do juízo. Isso quer dizer que o juízo é algo que foi feito na realidade, por uma pessoa real. Um juízo hipotético, um juízo feito hipoteticamente: “Ah! Se alguém pensasse assim... assim...” Você não pode dizer se é verdadeiro ou não, porque se o juízo não foi pronunciado efetivamente, ele não tem significado, ele não tem semântica, então você não sabe qual é a intenção com que foi dito. Então você não tem, na verdade, o juízo, você tem apenas a proposição, a frase que corresponde a ele. O terrível engano que esses filósofos modernos, sobretudo analíticos, cometem de querer analisar a linguagem a partir de frases hipotéticas, como: “A vassoura está atrás da

porta”. Isso nem é linguagem. Só se pode analisar a linguagem no seu uso real. Sobretudo no uso da grande literatura.

Aluno: A sinceridade da confissão e a humildade da aceitação da realidade não nos levariam a um análogo metafísico que seria exatamente aquela coincidência do ser e do ser verdadeiro de tudo quanto existe?

Olavo: Exatamente. Foi em cima da mosca. Está certíssimo o que você disse.

Aluno: Uma dúvida bibliográfica secundária: o senhor recomendaria a leitura de “The Principles of Psychology”, de William James, a uma pessoa que esteja começando a conviver com os temas primeiros da psicologia?

Olavo: Não, de maneira alguma. Aquele negócio todo é muito problemático, encrencado. É uma grande obra, mas é muito encrencada. Eu vou pensar um pouco no que eu poderia recomendar nessa matéria. Estou tentando trabalhar isso justamente para o curso que vou dar em setembro. Depois de setembro eu terei algumas indicações mais exatas.

Então por hoje é só, vamos parar por aqui. Até a semana que vem, e parem de reclamar. Se você não pode assistir à aula no tempo devido, assista no tempo indevido porque eu não estou apertando ninguém. Agora, entre esta aula e a próxima, por favor, assistam ao vídeo *A Imaginação e a Unidade do Real.* Se não der para ouvir durante a semana, ouça depois, ouça quando puder. Eu estou passando para vocês um conjunto de procedimentos, de técnicas etc. que vocês vão usar pelo resto de suas vidas. Por que eu chamo isso de curso, em vez de apenas uma espécie de compactado? Porque nós temos um objetivo e vamos alcançar... nas etapas finais, eu vou querer que vocês façam determinados estudos e redijam algumas coisas. Vocês têm três ou quatro anos para pensar nisso. Eu vou sugerir temas: por exemplo, eu vou sugerir temas em função de sua utilidade pedagógica dentro deste curso, e outros pela sua importância objetiva para a sociedade brasileira. Coisas que possam ser úteis e que possam ser publicadas. E pretendo que vocês publiquem. Por isso mesmo é que eu também peço que durante toda a duração do curso, não dêem muito palpite, não fiquem participando muito de discussão. Não gastem suas energias com isso. Vocês estão se preparando e quando for para entrar na sociedade como formadores de opinião, vão entrar como um touro na loja

de louças. É para entrar com toda a força. Dar palpite, dar opinião, todo mundo dá. Quando for para vocês começarem a fazer isso, é para já ocupar um lugar, e não apenas ser mais um.

Nossa finalidade — a finalidade de vocês — vai ser sobretudo dar um exemplo para a sociedade: “Olha, a alta cultura é isto aqui; ela é uma moral; ela é a conquista da própria confiabilidade, credibilidade baseada na sinceridade.” Se nós conseguirmos dar esse exemplo para a sociedade brasileira, já melhorou a situação pela sua simples ação de presença, pelo simples fato de vocês estarem ali. Mas eu quero que, quando for para fazer isso, seja para fazer mesmo. Não é para tentar. Então, não participem de discussão agora. Na verdade não discutam muito. Façam perguntas, peçam informações, e vão esperando que o tempo vá consolidando dentro de vocês certas conclusões, certas certezas, vão com calma neste negócio. Cinco anos não é muito tempo. Mas no último ano eu vou querer todo mundo, cada um com o seu tema, redigindo alguma coisa, com um trabalho longo. É coisa que não é só para ser escrita, é para ser publicada mesmo, e ocupar um espaço.

Então, até a semana que vem. Muito obrigado.

Transcrição: Felipe Augusto Cury, Jussara Reis, Luiz Alberto Afonso dos Santos Jr., Jose Marcio Carter, Rodrigo Fernandez Peret Diniz, Luiz Felipe Adurens Cordeiro e Eduardo Queiroz.

Revisão: Rodrigo Fernandes Moreira, Jose Marcio Carter e Ronald Pinheiro.

Revisão final: Wilson R. de Arruda.